Anno II — S. Paulo, 1°. de Maio de 1904 — Num. 4

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores.

O CHAPELEIRO

Orgam da "União dos Chapeleiros"

A exploração capitalista está baseada na ignorancia e desunião dos trabalhadores. Impõem-se, pois, a união e a instrucção.

Correspondencia á séde da "União dos Chapeleiros" *Rua Marechal Deodoro n. 2* (1.° andar) S. PAULO — Brasil

O Primeiro de Maio

A ideia do *Primeiro de maio* — um dia de universal cruzamento de braços — nasceu no ardor duma luta gigantesca entre o proletariado e a burguesia, luta em que correu sangue de trabalhadores e de que Chicago, a vasta cidade norte-americana, foi o principal teatro.

O primeiro de maio foi o ensaio da greve geral, uma experiencia em grande do valor e da força da solidariedade operaria. O mundo do trabalho crusava os braços, fazia parar a máchina, depunha a ferramenta, detinha a actividade, e mostrava assim que a vida social assenta toda sobre o seu esforço. Pela solidariedade, pelo acôrdo, o proletariado lançava um desafio aos senhores do capital e do poder, e apresentava no campo da batalha uma invencivel força.

Só elle tem a capacidade efectiva de produzir. Póde cortar os viveres aos seus dominadores; pòde obrigalos a capitular pela fome. Com a solidariedade activa e consciente, com o acôrdo das vontades, póde gritar um *basta!* á exploração e ao despotismo, póde recusar servir por mais tempo de escravo.

E o Primeiro de Maio significava tudo isso: era a união de forças, era uma tentativa para traduzir em factos definitivos a solidariedade operaria. Traduzia a luta — a luta do escravo contra o senhor, a luta pela emancipação do salariado.

O operario cruzava os braços e suspendia a vida social: preparava-se para negar ao proprietario o direito de dispôr da terra e dos instrumentos de trabalho, que só elle, operario, faz produzir e frutificar.

Depois o Primeiro de Maio passou a ser uma data festiva, perdeu pouco a pouco o seu caracter de luta e de oposição, e os governos e os patrões, a principio cheios de terror, perderam o medo e incluiram o dia na lista dos seus feriados... O Estado e o Patrão, contra os quaes a luta era travada, eram os mesmos que vinham contribuir para... o brilhantismo da festa!

Quereis restituir ao Primeiro de Maio o seu caracter primitivo? Quereis que elle seja de novo, como nos primeiros annos, uma afirmação de solidariedade e de força, ensaio para a definitiva emancipação do ferreo jugo do salario?

Tudo depende de vós.

E' preciso que considereis, antes de tudo, o primeiro de maio, não um dia unico, mas um dia como qualquer outro — de luta.

E é preciso que não espereis a vossa salvação de nenhuma providencia, mas do vosso proprio esforço. Não espereis que a emancipação vos venha duma força que não está em vós, dum patrão, duma comissão, duma directoria, dum legisador. Não a espereis ainda do simples facto de estar o vosso nome inserto no registro duma sociedade. E' preciso agir. Cada associação vale o que valerem os seus socios. A união, de per si, é uma abstração, não é uma força, não é nada; a união de forças é que é uma força. Uma união de incapazes, de indolentes, de inactivos — seria incapaz, indolente, inactiva. E se a iniciativa de todos é abandonada nas mãos dum só ou de poucos, toda a actividade redundará em seu proveito exclusivo.

O unico meio de desinvolver a força é o exercicio, é a luta — não a luta dum só dia, com qualquer data do calendario, mas a luta incessante de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos e em todos os logares — em casa, na fabrica, na rua. Instruir e instruir-se, estudar, propagar, agir, resistir a imposições e a tiranias, estimular iniciativas e desinvolver o espirito de solidariedade — eis um vasto campo capaz de sastisfazer todas as aptidões e de aproveitar todas as energias.

Uni-vos, sim — mas lutai sempre.

M. V.

1° de Maio

E quando a aurora então se enrubecer?
Pelos primeiros raios ardentes do sól
Todos nós havemos de ir colher,
Bellas flores em um arrebol

Rio, 30 de Abril, de 1904

CAINELLAS

O primeiro dever do operario que aspira á sua liberdade economica, é associar se com os seus companheiros de officio, logo, com todos os assalariados.

Due problemi

Salari ed orari: ecco i due problemi di maggiore importanza, fondamentali, si potrebbe dire, per tutti i lavoratori; quindi anche pei lavoranti cappellai che perciò si riuniscono ed organizzano per le proprie rivendicazioni.

Questi due problemi implicano a loro volta la soluzione dei due grandi problemi della vita operaia; il problema economico ed il problema morale; perché soltanto coll'elevarsi dei salari i lavoratori potranno avere i mezzi di soddisfare alle necessità della vita in modo non solo da averne soddisfazioni materiali e fisiologiche, ma ancora per avviarsi a quell'elevazione morale ed intellettuale che è solo possibile in condizioni economiche buone, tali che diano all'organismo il necessario per poter funzionare regolarmente; perché soltanto colla limitazione degli orari rimarrà al lavoratore il tempo necessario per riposarsi, per reintegrare le energie spese sul lavoro senza quello sprechio eccessivo che abbrevia la vita umana e conduce alla degenerazione che vi si assoggetta, perché colla riduzione dell'orario il lavoratore potrà avere il tempo, oltre che di riposarsi, per istruirsi ed educarsi, per istruire ed educare la propria famiglia non solo, ma ancora perchè nella riduzione di orario troverá la soluzione il problema della disoccupazione che maggiormente travaglia la classe lavoratrice.

Per tutte queste ragioni adunque appena accennate e che potrebbero formare argomento di altrettanti studi, tutti interessanti pei lavoratori, fanno opera buona e onorevole i lavoratori quando lottano per l'aumento dei loro salari e diminuzione degli orari di lavoro e tanto piú fanno bene in questo Brasile che la fama dice dovizioso e favorevole alla classe lavoratrice, mentre i lavoratori in genere e specialmente i cappellai si trovano in condizioni tutt'altro che floride e non certo migliori di quelle degli altri paesi.

I lavoranti cappellai a lavoro fisso, giornaliero, non guadagnano in media piú di 5$000 al giorno e quelli che lavorano a fattura od a cottimo struggendosi la vita, dando maggiore guadagno al padrone e togliendo il lavoro ai compagni (altro problema che i lavoratori dovrebbero ben meditare) non arrivano che ad una media di 5$500 reis.

Ora questi salari non solamente non sono eguali, ma si possono senza dubbio ritenere assai inferiori a quelli che i cappellai guadagnano in Italia un salario che varia dalle 3,50 alle 4 lire al giorno (1). E nessuno metterá in dubbio che anche soli 3 franchi in Italia sono assai piú che 5$000 a S. Paulo, se si tiene conto della enorme diversitá di costo negli alloggi, vestiti ed in tutti i generi necessari alla vita.

Cosi per gli orari.

Mentre nelle fabbriche di São Paulo e del Brasile in genere (e basta aver visitato una volta sola una fabbrica di cappelli ed avere osservato come il genere di lavoro sia un avvelenamento affrettato) la durata del lavoro giornaliero é di dieci ore, in quasi tutte le fabbiche d'Italia e dell'Europa é ridotto ad otto ore.

Perché ció non dovrebbe essere anche nel Brasile, anzi perché non é ancora avvenuto?

Perché i lavoratori non hanno ancora saputo conquistarselo.

I salari saranno aumentati, gli orari diminuiti solo quando i lavoratori colla loro concordia, colla loro organizzazione avranno saputo trionfare sulla prepotenza padronale e conquistare queste sante loro rivendicazioni.

Ed é per questo, o amici cappellai, che invitato gentilmente da voi a scrivere un articolo pel vostro numero di 1° maggio ho un solo consiglio da darvi: organizzatevi e nella vostra solidarietá di classe soltanto sperate e cercate quella giustizia che per altra via non vi verrá giammai.

A. PICCAROLO.

(1) Oltre alla paga giornaliera i lavoranti di Borsalino in Alessandria dopo venti anni di lavoro hanno diritto a pensione ed i loro bambini sono ricoverati nell'istituto appositamente creato dal proprietario a sue spese.

Salve 1° de Maio!..

Companheiros de todo o mundo eu vos saúdo; companheiros de martyrio eu vos abraço.

Companheiros, o dia de hoje, é, aquelle em que todos os trabalhadores do Universo cruzam os braços para que a terra fecunda tenha tambem o seu dia de paz e de descanço.

Companheiros; foi em 1848 que o grande mestre, *Carlos Marx*: disse: *Operarios de todo o mundo Uni vos!*

E porque não nos havemos de unir? porque viver nesta indiferença para regalo dos nossos algozes? porque viver nesta miseria de todos os dias quando temos a certeza que do mal que sentimos, o unico culpado somos nós mesmos!?... Basta de tanta covardia; e de tanto desfallecimento; um pouco de bôa vontade é quanto basta.

Companheiros, devemos nos unir: na *União* está a nossa força. Emquanto gastamos o tempo pelas tavernas embriagandonos deviamos procurar as nossas Associações; emquanto vivemos tratando de Politica, deviamos procurar as nossas sociedades, e ahi tratar do nosso bem estar, emfim, tratar da verdadeira Solidariedade, porque esta não consta apenas em assignar subscripções nas fabricas quando qualquer collega está emfermo, não. Solidariedade é esse laço de Fraternidade que une todos os trabalhadores, porque o Operario não tem patria; solideriedade quer dizer que todos os Operarios unidos em suas Associações de classe, formam uma só familia em cada officio, e, assim successivamente a grande familia Operaria Universal; Capitalistas, Doutores, Militares, etc, que nada produzem, vivem porque queremos; o nosso maior despreso a esses que são grandes porque consentimos que nos façam pequenos, a elles a nossa maior indiferença.

Companheiros: o facto realisado da fusão das duas Sociedades de Chapeleiros devem ser amparado por todos os companheiros sinceros, e aquelle que assim deixsse de fazer pode ser considerado como um inimigo da propria Classe.

A *União dos Chapeleiros* pela fórme como está fundada, presta os maiores auxilios á Classe, já quando sem trabalho, em viagem, e na enfermidade. A União tem por bem o levantamento da mesma classe, mas para isso é preciso o concurso de todos, e esse concurso é facil de se prestar; questão é que os companheiros queiram ser bons.

Os Chapeleiros de S. Paulo a exemplo de outras partes, já poderiam ter fundado sua cooperativa de produção, e para isso bastava que cada um concorresse coma quantia de 500 reis por semana, por espaço de 2 annos; e fundada esta teriamos uma fabrica nossa, uma escola para nossos filhos, emfim todo o conforto de que careces-semosnão querojser propheta, mas fica a lembrança; porque uma das bases principaes do Socialismo, são as Cooperativas, os sindicatos operarios, as Associações de Classe, em suma a Federação que une tudo formando uma muralha impenetravel para os Capitalistas, Doutores, Deputados, emfim todos os parasitas da Sociedade.

NAGAM

Rio, 30 de Abril de 1904

La Asociación se impone

La principal condición que deven tener los obreros para luchar con éxito por el mejoramiento proprio y el de su clase, es, indudablemente, la perseverancia en permanecer afiliados á la sociedad del oficio á que pertencen, sobre todo cuando la sociedad persigue un ideal de justicia como el que sirve de bandera á la *Unión de Sombrereros de San Pablo.*

Sin constancia para permanecer en las filas sociales, de nada sirven los esfuerzos que aisladamente hagan los obreros por diminuir la esplotación de que son victimas.

La asociación no sólo dá la fuerza necesaria para contener los desmanes patronales; la asociación instruye y prepara los cerebros proletarios para realizar maiores empresas que la conquista de un pequeño aumento de salario ó la diminución de una hora de trabajo en la jornada.

Con la asociación de las fuerzas obreras ha de conseguirse, más ó menos pronto, que deje de ser el hombre enemigo del hombre, ó lo que es igual, que la explotación del trabajo ajeno desaparezca por completo.

Censurable es, por tanto, existan trabajadores que anhelando el bienestar propio, el de su clase y el de toda la humanidad, abandonen la asociación ó rehuyan ingresar en ella, convirtiendose inconcientemente en auxiliares de los que los oprimen y esclavizan.

Sin perseverancia en dar vigor y fuerza á la asociación — lo repetimos — son inútiles ó casi inutiles, para mejorar en algo las condiciones del trabajo, los sacrificios que hagan algunos individuos dotados de las mejores energias para rebelarse contra la tirania patronal.

Sólo teniendo los obreros profundo amor á la asociación y velando constantemente por su prosperidad, es como mejor y más pronto llegarán á la meta á que ansian llegar cuantos el dia 1° de Mayo se reúnen en todos los paises civilizados para contarse y poder apreciar la distancia que los separa de la ansiada y segura muerte de la presente organización social y el advenimiento de otra en que no puedan existir los antagonismos que origina el maldito régimen del salario.

¡A la asociación, pues, obreros sombrereros, porque en ella y sólo en ella encontrareis alivio á los males presentes y la robus-

tez necesaria para hacer trizar las cadenas que os sujetan al potro de la explotación y tirania capitalista !

Aceptad este consejo de un buen amigo vuestro, quecomo vosotros, ansia el triunfo de la igualdad económica, base de la fraternidad humana.

COMPAÑEROS

Vamos á engrosar las filas de la Unión de los Sombrereros y una vez unidos podremos romper la odiosa cadena burgueza que tanto nos oprime.

¡Viva la emancipación humana !

¡ Viva el 1.° Mayo !

L'organizzazione della donna operaia

L'organizzazione della donna operaia é cosa certamente non trascurabile da parte di tutti coloro, e specialmente da parte dei socialisti, che coraggiosamente hanno iniziata la non facile lotta delle rivendicazioni proletarie, come non é cosa certamente facile il conseguirla, dato il terreno difficile che si deve coltivare, poiché la donna proletaria per troppo lungo tempo abbandonata a sé stessa, alla sua miseria morale e materiale fa uno sforzo immenso e riesce pochissime volte a comprenderci, quando le parliamo della necessità di organizzarsi.

***

Tutto ció peró se ci fa pensare, non ci deve né scoraggiare, né rendere scettici, dimostrando di aver poca fiducia nelle forze femminili, perché allora avremmo subito torto di fronte al furbo capitalista, il quale, mentre noi consideriamo la donna leggera e cosa da trascurarsi nel bilancio attivo delle forze e del pensiero umano, essi nel suo campo, nella sua *fazenda*, nel suo opificio, ne sfrutta l'energia del corpo e della intelligenza, riducendola di punto in bianco strumento di lavoro. in granaggio indispensabile alla macchina che vertiginosamente produce. E dubitando ancora del beneficio che la donna organizzata potrebbe arrecare alla notara lotta intrapresa, avremmo torto, (come di fronte al capitalista anche di fronte ai non meno furbi pieti, i quali se ancora tanto in alto stanno, e dall'alto dominano, é solo perché bene sanno insinuarsi nel cuore della donna, sfruttandone il sentimento delicato.

Convinti invece della assoluta necessità di organizzare in fascio le donne operaie a qualsiasi ramo d'industria esse appartengano, di fronte a tutta questa non facile, ma nuova e necessaria educazione da compiere, noi dobbiamo corredarsi di una forte dose di volontá e metterci seriamente al lavoro per la buona causa.

***

Ogni creatura che lavora, che produce per la collettivitá umana, che collabora e che concorre colla propria energia di braccio o di pensiero al benessere sociale, ha diritto ad una vita tranquilla o almeno non tormentata dalla triste incertezza economica del domani. Invece noi constatiamo, e i fatti concorrono a darci ragione, che cosi non avviene. Il lavoro collettivo che le masse producono tutto a vantaggio del capitale, é sempre moralmente poco considerato, materialmente, sempre male retribuito, ed in ispecial modo il lavoro femminile. Perché questo avviene, e di chi la colpa? — Di chi fa lavorare e sfrutta — mille voci sono pronte a rispondere e non avrebbero tutti i torti, ma se al di sopra del giusto risentimento che proviamo, constatando la innegabile ingordigia capitalistica vogliamo porre la ragione fredda. serena, noi dobbiamo allora confessare che un gran torto l'abbiamo tutti ché in linea generale abbiamo sempre dato poca importanza al lavoro della donna e non ci siamo mai sofferma ti a guardare il meraviglioso concorso che il lavoro femminile ha sempre portato nell' enorme campo della produzione.

Gli studiosi, i buoni l' hanno detto da molto tempo sui loro libri e dalle loro tribune, sfatando la leggenda che dice essere la donna pigra e non amante del lavoro, dimostrandolo anche con statistiche precise.

Dappertutto, dove il sole dardeggia, dove fuma una ceminiera, nelle viscere della terra dove non penetra la luce, dove cresce un fiore o matura un frutto, dove si adopera l'ago o la penna, dove si impara e s' insegna noi troviamo la donna amante del lavoro e che a questo dá le sue migliori energie, gli anni piú belli della sua vita. Noi ve la troviamo in numero maggiore degli uomini, e la vediamo compiere lavori non inferiori a quelli dagli uomini compiuti. Ma la classe proletaria non ha mai osservato profondamente tutto ció ed ha sempre guardato con un senso di diffidenza gli studiosi che la richiamavano su questo meraviglioso fenomeno di attivitá sprigionantesi dall'energia femminile; abituandosi invece a considerare il salario che la donna percepisce dal lavoro che faticosamente produce, e troppe volte a danno della sua salute e di quella delle sue creature, come *un di piú*, una aggiunta al guadagno che l'uomo porta in famiglia, dimenticandosi sempre di esaminare se a questo lavoro, a questo magro guadagno chiamato *un di piú* si é mai dato *qualche cosa di meno* di quanto meritava. E' questo il torto piú grave che ha avuto e che ha tutt'ora la classe lavoratrice in genere, torto che ha cosi permesso la potentissima perpetrazione dello sfruttamento esercitato sul lavoro femminile.

***

Nella constatazione peró di questo torto grave, é nostro dovere osservare come la classe lavoratrice abbia incominciato a riconoscerlo e come entusiasticamente e coscienziosamente abbia pure incominciato a ricredersi ed a lavorare, perché alfine se ne cancellino le tristissime conseguenze.

Forti e numerose organizzazioni sono sorte nell'intento di rivendicare i loro diritti dove maggiormente si é sviluppato ed ha preso stanza l'industria.

In Germania, in Inghilterra, nel Belgio, in Francia, in Italia e nella America del Nord, il proletariato si é scosso dal sonno letargico che per tanto tempo gli aveva fiaccato lo spirito ed addormentato il pensiero. Si é scosso, ha lasciato le quinte e si é avanzato sul palcoscenico della vita, domandando alla societá per la quale lavora, non applausi, ma diritto all'esistenza.

Dappertutto sono sorte organizzazioni, Leghe di resistenza, Federazioni di mestiere, col nobile scopo di liberare la classe lavoratrice dalla sua schiavitú economica e morale.

Né alle donne si é parlato invano, per quanto siano ancora le piú restie. — In Italia, e specialmente nell'Emilia, numerose sono le organizzazioni femminili che hanno aderito alla lotta ingaggiata; organizzazioni che hanno avuto i loro momenti di combattivitá, di agitazioni gravissime e che riportarono vittorie considerevoli. Cosí pure in altri paesi, la donna, ha saputo dar prova di fortemente voler lavorare per il miglioramento delle proprie condizioni morali e materiali creando associazioni di resistenza in ogni ramo di lavoro, associazioni che hanno assunto una importanza speciale per la loro trasformazione in veri istituti educativi, nei quali la donna, dopo la sua giornata di lavoro trova il mezzo di andare ad educare il suo pensiero, ad istruirsi per la conquista di un avvenire migliore.

Esse si sono finalmente chiesto:

— Diamo noi alla societá un vantaggio col nostro lavoro?

La risposta non poteva essere negativa.

Ma si sono domandate ancora:

— Col compenso ricavato dal nostro lavoro possiamo bastare a noi stesse, procurarci quanto ci é di assoluto bisogno per vivere onestamente e senza angoscie? —

La risposta questa volta é stata negativa e mise in pensiero le forti lavoratrici.

Uno stesso tarlo consumava il frutto dei loto prodotti. —Lo sfruttamento continuato. — Si ricordarono allora dell'apologo che, narrava come un padre per mettere la pace e il benessers fra i suoi figli, sempre in lite fra loro, ricorresse all'esempio delle verghe.

— Vedete, egli diceva loro, una verga sola la rompo anch' io che sono vecchio, un fascio di verghe non riesce nemmeno a piegarlo la vostra forza giovanile. — Il ricordo sortì il suo effetto e le donne in gran parte si organizzarono — conscie dei loro diritti — per rivendicare tutta la schiavitú patita attraverso le pagine del passato.

Lavoratrici, impariamo anche noi.

ERNESTINA LESINA.

L' igiene

Ci troviamo in un paese dove vigono moltissime leggi, ma ben poche, per non dire nessuna, sono quelle che favoriscono l'operaio, e fra queste dovrebbe trovarsi quella delle ispezioni delle fabbriche, opifizi ecc, dove l'operaio vive una metá della sua vita. Fra le nazioni civile la Svizzera, per esempio, ne ha qualcuna.

Questo é conosciuto da tutti gli interessati.

Perciò questi dovrebbero pensarci; non rivedendo ed analizzando tutte le leggi qui promulgate, perchè sarebbe assurdo che il lavoratore facesse ciò, anche perchè le leggi sono elastiche, specialmente in questo paese, ed hanno importanza fino ad un certo punto.

Bisognerebbe vedere coi propri occhi e toccare con mano se questa igiene e l'ispezione di essa almeno in parte esista. Quindi facendo questa osservazione molto semplice e pratica, si puó dire che non viene applicata, fatta eccezione di qualche fabbrica.

Dunque perchè non si provvede a questo se nessuno vi pensa? sarebbe naturale essendo che gli altruisti sono rari, e la maggior parte degli esseri umani ha l'abitudine di pensare a se stessa in primo luogo.

Il lavoratore che s'affatica da mane a sera, se ama se stesso, perchè non pensa a qualche cosa? Continuando nelle identiche condizioni, significa ruinare la sua integrità fisica ed attentare alla propria vita.

Se il cappellaio discutesse e studiasse unitamente coi suoi compagni, quali sono i mezzi per risolvere la questione, la troverebbe subito. Certo che cosi facendo non si accontenterebbe di lavorare in officine che possono produrre malattie diverse ed infiacchire il lavoratore moralmente e fisicamente in ambienti ristretti capaci di contenere solamente un terzo ad un quinto del personale, fra il calore dei fuochi presso le gambe e quello tropicale e talvolta con l'aggiunta del calore, cui si rende soffocante, dei zinghi troppo bassi e chiusi quasi ermeticamente, privi di ossigeno in causa dell'agglomeramento delle persone, saturi di carbonio prodotto dai fuochi.

Non parliamo del puzzo delle macchine che aiuta lo sviluppo della tuberculosi, com'è dimostrato già dalla scienza, dei pozzi neri trascurati che spargano miasmi che guastano lo stomaco nonchè altre piccolezze le quali nella giornata divengono gravi.

Cosicchè questo non é altro che la degenerazione del fisico intiero perchè l'igiene ha molto di comune con lo sviluppo intellettuale.

Ripeto: se al lavoratore preme la propria salute, invece di lamentarsi della tale o tal'altra officina e protestare di questo o di quel padrone perchè s'impingua le sue tasche senza pensare alla vita degli altri, gli domanderei per qual cosa si serve di quelle ore che ha libere sia anche la domenica, se non per pensare alla prossima settimana? Discutendo e studiando come sopra dissi, dei suoi interessi, fra questi vi è l'igiene, nella giá funzionante *Unione dei cappellai*, la quale é guardata di mal'occhio come Satana dai cattolici.

Non facendo ciò, ossia, se l'artiere nostro non si muoverá a prescegliere e non si turba a nulla, d'anneggierà i compagni che ne godono una parte.

Questo accade perché un padrone di fabbrica danneggia un secondo per la concorrenza che gli potrà fare perchè le sue spese sono minori non facendo le dovute comodità che richiede l'igiene.

Chiudo facendo principalmeute invito ai giovani di mettersi all'opera e non fare, come fanno i sostenitori dell'attuale regime, i quali vogliono raccogliere senza seminare, invece é al contrario: chi vuol ben raccogliere deve ben seminare.

Sarebbe assurdo ora ch'io volessi gettare le basi d'un regolamento d'ispezione e d'igiene per le fabbriche, dicendo: ogni operaio dovrá lavorare in un ambiente contenente quel certo numero di metri cubi d'aria; ad ogni tanti metri dovrà esservi una finestra o finestrone e via dicendo; ma per far questo saranno elette delle apposite commissioni.

Dunque per l'avvenire dell'umanitá non cesseremo mai dal raccomandare igiene, igiene, e sempre igiene.

LANI

Sociedades de Resistencia

A *sociedade de resistencia* é a associação dos operarios para defender os seus interesses contra os interesses opostos dos capitalistas.

Os operarios da mesma profissão, ou de varias profissões num mesmo estabelecimento, unem-se e lutam para melhorar o seu salario e as outras condições de trabalho, ou para impedir que o patrão piore as já existentes, assim como para defender quem de entre eles seja pessoalmente alvo de injustiças e vexações. E estes varios grupos, concios da solidariedade sempre crecente dos interesses dos trabalhadores de todas as profissões e de todos os paises, para tornar mais eficaz a luta e concertar os meios de todos em auxilio das fracções em luta, hoje umas, amanhã outras, vão-se unindo gradualmente entre si, em federações locais, nacionais e internacionais de cada oficio, e em federações gerais dos operaios dosvarios oficios.

A arma ordinaria de que dispõem as sociedades de resistencia, além do respeito moral que sempre adquirem homens que se mostram capazes de comprehender e defender os seus direitos, é a greve, isto é, a recusa de trabalhar.

E' necessario examinar o significado e o alcance economico e moral das greves, para evitar, dum lado ilusões, que seguidas por inevitaveis disilusões, trazem o desanimo e a indiferença, e do outro injustificaveis cepticismos, que levam a aceitar sem reagir toda a prepotencia, e reduzem o operario ao mais degradante aviltamento.

Se o operario fosse uma besta (como tantas vezes é ainda) com escassa conciencia e sem vontade, e se na sociedade não houvesse outras forças além da economica, para nada serviria a greve.

Capitalistas e proprietarios dispõem de todos os meios de vida, são eles que regulam a produção, que dominam o mercado e fixam os preços. Os trabalhadores, sempre ameaçados pela fome mal lhes falta o trabalho e sempre arriscados a ser substituidos por outros trabalhadores desocupados e constrangidos pela miseria a todas as baixezas, devem necessariamente sofrer as condições que aos patrões apraz impôr-lhes.

Se com um esforço extraordinario, favorecidos pela concorrencia que os patrões fazem uns aos outros e aproveitando circumstancias exepcionais, os operarios conseguissem obter um melhoramento seria transitorio, resolvendo-se dentro em pouco numa ilusão dissipada.

Se se trata de aumento de salario (sem contar que o patrão poderia sempre retirar o aumento apenas desaparecidas as circunstancias que favoreceram a greve) sucede que os preço dos artigos de consumo crecem em proporção e portanto o aumento de salario seria simplesmente nominal e nada haveria de mudado. Se se trata de diminuição de horas de trabalho, o patrão desforra-se introduzindo novas máquinas e tornando o trabalho mais intenso e fatigante, sempre não esquecendo que depois de introduzidas as novas máquinas, poderia aproveitar a primeira ocasião favoravel para restabelecer o velho horario e despedir uma parte dos operarios, dificultando assim, com o grande numero dos desocupados, toda a resistencia futura. Se se trata de greve de solidariedade para defender companheiros injustamente feridos, o patrão não deixaria de procurar o ensejo de se vingar e acha-lo-ia certamente na primeira depressão do mercado.

Em suma, numa sociedade em que alguns têm tudo e outros nada, estes vivem só porque faz conta aos primeiros, e recebem em paga do seu trabalho o minimo necessario para os pór em estado de prestar os serviços que deles se exigem. E' esta tendencia dos salarios para descerem ao minimo necessrio á vida e á reprodução que se chama *a lei de ferro dos salarios*.

Mas tudo isto só seria completamente verdade se, como dissemos, os operarios não tivessem conciencia, nem vontade, nem capacidade de resistir — e em tal caso nem mesmo seria possivel a greve, e a humanidade ficaria para sempre dividida em duas partes desiguais: um punhado de ferozes e ávidos opressores e uma multidão de escravos abjectos e submissos.

O simples facto de se produzirem greves mostra que os operarios têm uma certa conciencia dos seus direitos e que ha um certo limite de sofrimentos que eles não querem transpor. E é por isso que a greve se tornou um factor tão importante na historia da emancipação proletaria.

Se é certo que os capitalistas têm nas mãos todos os meios de vida, se é certo que possuem todo o organismo do Estado para lhes garantir a posse e o livre uso desses meios, sem os quais os trabalhadores nem trabalhar nem viver podem, é ainda certo, porém, que os trabalhadores são o maior numero e que só eles possuem a capacidade efectiva de produzir. Por consequencia, em definitiva,

ação ha duvida de que, se os trabalhadores quizessem, poderiam exigir o produto integral do seu trabalho, e de hai transformar radicalmente a presente ordem social.

Entretanto o facto é este: os patrões procuram explorar o mais possivel os trabalhadores e estes esforçam-se por obter para consumo proprio a maior porção possivel dos seus produtos; os patrões procuram reduzir os trabalhadores ao estado de escravos, e os trabalhadores procuram elevar-se á dignidade de homens livres. E a condição real dos trabalhadores, num dado momento, depende, não se modificando o resto, do grau de resistencia que sabem opôr ás pretenções patronais.

Esta resistencia manifesta-se hoje principalmente com a greve, ou com a ameaça de greve.

Examinando a historia e a estatistica das greves vê-se que as mais das vezes os operarios, ou são constrangidos a descer a transacções, ou são completamente batidos — e se tomarmos em consideração as grandes despesas e os grandes sofrimentos padecidos durante a greve e os salarios perdidos, poderemos, com aparencia de razão, concluir que as greves são geralmente danosas aos operarios.

Mas para bem julgar a questão é preciso pensar qual seria a condição dos trabalhadores se nunca se fizessem greves, e observar o que ela é com effeito nos paises onde a resistencia operaria ou é inteiramente desconhecida ou está ainda na infancia. Na realidade a greve é imposta ao operario, que não queira ver-se reduzido, pela diminuição gradual do pão ao nivel dos chineses e dos negros. Os patrões sabem que não podem explorar o trabalhador além de certos limites sem provocar uma reacção nociva aos seus proprios interesses, reacção que um limite á exploração; — e se, por exemplo, o operario parisiense não se acha reduzido a comer *polenta* estragada como os camponeses lombardos, se não vive nas condições bestiais dos esfarrapados *cafoni* da Apulia, é simplesmente porque tais condições de vida ele *não as quereria* aceitar.

Sucede com as greves como com as agitações e as revoluções politicas. Os que as fazem, nelas arriscam ordinariamente a liberdade, ou a vida, ou pelo menos a tranquilidade; mas é só por elas ou por medo delas que os governos concedem mais ou menos liberdades. Sem revoluções estariamos ainda sob o açoite da Inquisição; e agora, precisamente por não se fazerem revoluções ha bastante tempo nem para elas se mostrarem disposições, voltamos pouco a pouco á Inquisição.

A greve é, pois, um bom meio de manter o operario em certo grau, sempre baixo embora, de bem-estar — e em todo o caso é uma necessidade da vida do proletario que não queira descer a uma condição de vida sempre mais baixa e animalesca.

A greve e, mais ainda, a preparação da greve familiarizam os operarios entre si, habituam-nos a reflectir sobre á sua condição, fazem-lhes comprehender a causa das miserias sociais, e, em quanto os unem para o melhoramento imediato, preparam-nos para a futura emancipação.

Mas não se deve por isto crer que com as greves se possa resolver a questão social, ou mesmo melhorar dum modo serio e estavel a condição de todos os trabalhadores.

Embora p ssa a vontade dos trabalhadores revoltar-se contra condições de vida inferiores a um determinado grau, ha na organização actual da produção, circumstancias mais fortes ainda que despedaçam toda a resistencia possivel. O numero sempre maior dos desocupados, as crises, as deslocações de industrias existirão sempre em quanto vigorar a propriedade individual e o sistema de produzir por um lucro; e a miseria não fará senão oscilar entre um máximo e um minimo sem jamais desaparecer, obrigando os operarios a pisar e a repisar sempre o mesmo caminho.

Por isso as sociedades de resistencia ao mesmo tempo que combatem a batalha quotidiana da resistencia operaria, devem mirar a alguma coisa de mais alto e de mais geral: a transformação do sistema de propriedade e de produção. Devem preparar os operarios para a grande luta, e habilital-os a poder un dia desempenhar por si mesmos as funções da vida social que hoje, com grande prejuizo seu, são exercidas pelos capitalistas e pelos governos.

ERRICO MALATESTA.

Associazioni di mestiere

ED I LORO BÈNEFICII MORALI

Se molti sono i benefici economici che le associazioni di mestiere apportano alle rispettive categorie di operai, non meno importanti, oserei quasi dire più esenziali, sono quelli che contribuiscono a migliorare i sentimenti morali della classe operaia.

La diminuzione di orario, l'aumento della tariffa, i miglioramenti sulle condizioni d'igene nelle officine, il diritto di far valere le propre ragioni sono senza dubbio beneficii di non poca importanza pei lavoratori organizzati, ma non meno importanti, lo ripeto, sono quelli pei quali l'operaio può gradatamente migliorare le proprie condizioni morali e spingersi al conoscimento di ciò che costituisce ancora il privilegio della classe agiata e vagabonda.

L'operaio, nella grande maggioranza dei casi, è ancora molto al di sotto di quel che dovrebbe essere.

Un' immensità di cause, una quantità enorme di pregiudizi, che si sono abbarbicati nel suo cervello di generazione in generazione, tutto contribuisce a fare di lui, più che un essere capace d'agire e di pensare, un atomo qualunque che si muove meccanicamente sotto la volontà del padrone.

La deficenza assoluta d'istruzione, dovuta qualche volta all'incuria dei genitori, più spesso alla fatale lotta per la vita, che l'ha obbligato ad abbandonare la scuola per rinchiudersi fra le mura di un'officina, proprio quando lo studio cominciava ad apportare i suoi benefici effetti sopra al suo cervello di bimbo, gli impedisce, il più delle volte, di dedicare quel pò di tempo, che lo sfruttamento padronale lascia a sua disposizione, in qualche cosa di utile ed istruttivo, ed egli finisce col frequentare la taverna e intossicarsi coi suoi venefici prodotti.

Di qui la noncuranza, l'apatia il desinteressamento per tutto ciò che lo riguarda, quando non è lo scherno od il disprezzo pel compagno di lavoro che, più cosciente di lui, cerca di fargli comprendere quale dovrebbe essere il posto di combattimento, che gli operai tutti dovrebbero occupare nell'attuale terribile lotta di classe.

Mancanza totale o deficenza di istruzione, incapacità di sbarazzarsi dall'enorme ammasso di pregiudizî che gli hanno atrofizzato il cervello, incoscienza completa della propria forza e dei propri diritti! Ecco il quadro (doloroso, ma disgraziatamante vero) che si presenta agli occhi dell'attento analizzatore della questione operaria.

Quanto cammino da fare ancora! Quanti pregiudizi da abbattere!... Quante lotte; quante campagne da sostenere!

A facilitare l'opera dei volenterosi in questo lavorio di istruzione e di educazione fra la grande massa operaia vengono in prima linea le associazioni di mestiere o leghe operaie. In esse la comunanza, la conversazione amichevole fra compagni, l'esempio dei migliori e sopratutto la propaganda moralizzatrice che gli operai più intelligenti sostengono fra gli associati agisce poco a poco sul morale dell'operaio, ne migliora i costumi ed estirpa gradatamente i vizi, diremo così, ereditari, primo fra tutti l'alcoolismo, che è, senza dubbio, una piaga cancrenosa per buona parte di lavoratori e che ha di per sè stessa la potenza di abbrutire, nel vero senso della parola, l'individuo sul quale disgraziatamente ha potuto infiltrare la sua azione deleteria.

Non sono rari gli esempi di leghe operaie e camere di lavoro che hanno, mediante un costante lavorio di educazione, migliorato a tal punto il morale dei propri associati da far rimanere stupiti tutti i pessimisti che credono l'operaio incapace di comprendere i benefici derivanti dalla scienza e dell'arte.

Se da un lato le associazioni operaie influiscano, come ho detto, sul perfezionamento morale degli associati, esse contribuiscono anche a far penetrare fra le file proletarie il sentimento di solidarietà.

La solidarietà è indiscutibilmente un'arma indispensabile, direi quasi l'essenziale, che gli operai possono adoperare nella lotta contro i propri sfruttatori. Finchè i lavoratori non avranno compreso l'importanza grandissima della solidarietà, finchè essi non comprenderanno che una ingiustizia, un insulto, un abuso commesso a danno di un loro compagno rappresenta a sua volta un'ingiustizia, un abuso, un insulto per tutta la loro classe, finchè infine essi non si sentiranno uniti e solidali senza distinzione di nazionalità o di razza; le campagne per la rivendicazione dei propri diritti non potranno dare che miseri risultati.

Quante lotte infatti non rimasero infruttuose per causa della poca solidarietà? Quanto danno non ha arrecato (e disgraziatamente continua a recarne) agli operi il *Krumiraggio?*

Quante volte pochi uomini, per quali il disprezzo di tutti i loro compagni non basterà mai a compensare il male che colla loro azione di traditori fanno alla propria causa, quante volte, dico, pochi *krumiri* bastarono a rovesciare completamente tutto un lavoro di sacrificio e di abnegazione?

Oh! se costoro, i traditori, i Giuda della causa operaia, arrivassero a conoscere la bassezza, l'infamia della loro azione se comprendessero quanto danno apportano a sè stessi ed agli altri collo schierarsi a lato dei comuni sfruttatori contro i compagni d'officina; essi, ne son certo, non potrebbero sopravvivere al rimorso.

Come però potremo esigere da questi disgraziati l'amore la solidarietà verso i compagni in lotta se non ne sviluppiamo il sentimento? Come potremo rimproverare a costoro l'infamia commessa se il più delle volte essi stessi non comprendano per intiero bassezza della loro azione?

E' necessario dunque che la solidarietà venga sentita e compresa da ogni singolo individuo e per questo non potrà esserci un mezzo più adatto, più pratico delle associazioni di mestiere. In che la discussione, la propaganda, l'esempio pratico, la fraternità che nasce spontanea fra individui costretti a trovarsi insieme ed a conoscersi scambievolmente, tutto contribuisce a consolidare fra i singoli componenti quel sentimento di solidarietà che è, lo ripeto, la causa prima delle vittorie operaie.

Ed è per questo che noi non ci stancheremo mai di gridare agli operai con tutta la forza dei nostri polmoni: *Associat..vi!* Noi vorremmo poter ripetere questa parola a tutti i lavoratori, noi vorremmo perseguitare i più ricalcitranti dovunque, dall'officina a casa, da casa all' officina e ripetere loro senza requie: *Associatevi! Associatevi Operai!*

Tutto, tutto potrete guadagnare dalle organizzazioni di mestiere. Associatevi dunque, e i vostri diritti, oggi conculcati, saranno rispettati. Associatevi e potrete rendervi degni di voi, e come siete derisi e malvisti oggi sarete rispettati e temuti domani.

GIULIO SORELLI

Emancipatevi!

Ad agevolare, anzi ad affrettare la soluz one dell'intricato problema sociale, per la qual soluzione innumerevoli sono quelli che impulsati da idee generose, guidati dalla storia, ce ne additano le vie, i mezzi, é necessario, diró meglio, indispensabile la cooperazione di voi donne; di voi, come mogli seguendo nella lotta intrapresa per la realizzazione delle nostre idee di emancipazione, di rigenerazione.

Come madri educando in queste i vostri bambini.

Ma prima d'ogni altra cosa, bisogna vi instruiate, onde potere spogliarvi di tutti quei pregiudizi sciocchi, assurdi che hanno formata la catena alla quale, insino ad ora, foste avvinte, e che per conseguenza foste e siete tuttora schiave, vittime della società, della famiglia e del padrone se l'imperiosa necessitá vi obbliga di provvedere col vostro lavoro, al sostentamento vostro e della vostra famiglia.

1.° Della società che pur qualificaucovi come sesso debole, non lascia di rendervi responsabili di quei falli che potete commettere; e che voi perché ignare delle cose della vita non sapete difendervi e dimostrare che questa stessa società perché ingiusta, mal sistemata, fu appunto la causa della vostra caduta.

2.° Della famiglia, giacché soffrite, rassegnate, ogni dolore, ogni miseria, ed anche i cattivi trattamenti, le percosse d'un marito vizioso, brutale, solo perché inconscia dei vostri diritti, credete dover vostro tacere come che a lui tutto é permesso, tutto é concesso.

3.° Del padrone, infine, dal quale accettate senza ribellarvi mai, le meschine condizioni imposte al vostro lavoro, e ció perché non comprendete ch'egli vi sfrutta infamemente, impunemente; che col vostro lavoro cosi mal retribuito, manterrete lui nell'ozio aumentandone giornalmente la ricchezza; e sempre perché mai vi fu detto, mai vi fu noto, per quale ingiustizia sociale, voi donne pure siete condannate a lavorare per vivere; nè come sia che esiste la ricchezza e la miseria.

Procurate instruirvi ed emancipatevi dal prete, giacché più d'ogni altro lui fu che vi fece vittima della società, della famiglia e del padrone. Lui colle sue dottrine mistificate, colle sue vane minaccie, e colle sue illusorie promesse di castighi e di gaudii, oltre la tomba; lui, co'l'asserire a voi spudoratamente che é volontá di dio esistino poveri e ricchi; lui fu che ha fino ad oggi impedito alla donna di discernere il bene dal male, e di analizzare cose e fatti che riguardano il suo esclusivo interesse.

Emancipatevi! e venite fra noi, a prestarvi l'opera vostra, onde ottenere piú sollecita la vittoria della nostra causa; causa che vinta, perché giusta, nobile, apporterà sulla terra la sola possibile felicità, riducendo gli uomini ad amarsi uno coll'altro, da veri fratelli.

Emancipatevi!

MATILDE MAGRASSI.

LO QUE DICEN LAS MÁQUINAS

Cruje hecho ascuas el carbón en el horno; hierve bullicios a el agua en la caldera: oprime el vapor el émbolo; el émbolo empuja la biela; la biela mueve el eje; el eje hace girar el poderoso volante, y mientras rujo la máquina como fatigado monstruo, la carrera sin fin pone en movimiento otros ejes y otras ruedas, otras correas y otras máquinas. La industria marcha, la producción aumenta, el obrero labora.

¡Qué hermoso poder el de la humana inteligencia! A su conjuro se multiplica el movimiento y surgen el calor y la luz.

Pero, ¡ay! aún puede la máquina decir al obrero:

—No te enorgullezcas. En nada te diferencias de mi. Instrumento de trabajo como yo, tu estómago, como mi horno el carbón indispensable, no recibe sino el alimento estrictamente suficiente para que sigas desempeñando tu función mecánica. Soy un instrumento más apreciado que tú, porque tú abundas más y cuestas menos. Cuando me gasto, me tiran; cuando te gastas, te abandonan. Es lo mismo; no lo mismo, peor; porque tu única ventaja, tu inteligencia, se convierte entonces en daño tuyo: la conciencia de tu pasado valer será tu tormento. Tù, como yo, produces; produces, como yo, para los otros, no para ti. Labramos junto fortunas que te pertenecen y que jamás disfrutas. Obrero: apodérate de mi; arráncame de los brazos del viejo capital; tu desposorio conmigo es tu salvación única. Deja de ser instrumento para que el instrumento te pertenezca. Te quiero amo, no compañero. El capital me explota, sólo tú me fecundas. Sólo á ti quiero pertenecer.

F. Pi y Arsuagxa.

Uma boa arma

Actualmente é a *gréve* a mais poderosa arma que o operariado póde manobrar contra as explorações e iniquidades de que é victima.

Mas, se a *gréve*, é effectivamente a mais formidavel arma de combate dos operarios, muitas vezes se torna prejudicial, e mesmo mortifera, para elles, não só pela falta de recursos, como pela ausencia de tactica.

Muitas classes, de proletarios, só pensam em associar-se depois de rebentar os conflictos com os patrões, outras conservam-se recolhidas n'um sordido egoismo, tratando só de si, (quando tratam) abandonando os seus camaradas de misteres differentes, não querendo vêr que as reclamações de uns, importa nos interesses geraes de todos.

Ultimamente, as *gréves*, tão frequentes, teem demonstrado, evidentemente, que a orientação da classe trabalhadora tem feito progressos, principalmente no sentido da solidariedade, mas com respeito a organisação e a meios de resistencia, conserva-se n'um desleixo digno de lastima, que muito tem contribuido para o fracasso de algumas reclamações cheias de justiça, com grande gaudio de classe burgueza que nos espiona e observa.

Ora, se a classe trabalhadora, pensasse, uma vez a serio, na maneira de triumphar dos seus males, procurando a fórma do melhor exito para as suas reivindicações, com certeza que a classe patronal seria forçada a ceder, porque lhe era impossivel

resistir a uma acção bem combinada e dirigida, da parte do proletariado.

Quando uma *gréve* rebentasse, por motivos justos, como quasi sempre tem acontecido, as differentes classes operarias estivessem associadas e nos seus cofres algum monetario, além da educação precisa para se porem ao lado dos seus camaradas; quando os operarios dos diversos ramos em que se subdivide a grande familia dos productores, estivessem dispostos pelo espirito de solidariedade e de communhão de interesses, a cruzar os braços, logo que um conflicto se désse, a partir do operario que se manipula o pão até áquelle que nos *restaurants* o reduz a sopa, desde o que representa para divertir a burguezia, até aos que a conduzem nos trens, guiando-lhes as suas parelhas: n'uma palavra, quando todos os que empregam a sua actividade para sustentar a sociedade actual, estivessem convencidos e scientes da força que possuem, a *gréve* tornar-se-hia uma potestade de tal ordem que o capital por muito poderoso, teria de curvar a cerviz perante a força herculea que um simples: *não quero!* dos trabalhadores evidenciaria.

Os conservadores teem prohibido as reuniões publicas, o direito do povo manifestar as suas idéas, não aceitam reclamações, dissolvem aggremiações politicas, tolhendo a liberdade de associação e se consentem as associações de classe, é porque não deixam discutir os seus assumptos, sem que n'ella intervenha a tutella da auctoridade policial; mas o que não podem, é obrigarem os operarios a trabalhar quando elles não queiram.

Por isso, a *gréve*, sob este ponto de vista, póde d'um momento para outro, redimir muitos escravos modernos, fazendo desapparecer as injustiças e os actos improprios d'uma sociedade que se diz civilisada e que brigam, flagrantemente, com o humanitarismo que as classes preponderantes blasonam possuir.

O Dinheiro

«O dinheiro é a mola real desta vida», diz-se; «o dinheiro abre todas as portas», accrescenta-se. Tudo com elle se adquire: o pão e os livros, o vestuario e o saber, as consciencias e os palacios, a arte e o calçado, o prazer e os cleitores, uma mobilia e um noivo, o braço do operario e as caricias das mulheres — honras, protecções, fama, amizade, tudo!

E ao mesmo tempo que se proclama, com um terror supersticioso, a omnipotencia do dinheiro para a conquista das riquezas, reconhece-se com a alma dilacerada que elle deixa sobre a vida um profundo sulco de desgosto, que elle derrama uma nódoa sobre todos os prazeres e estende uma nuvem sobre todas as alegrias».

Pelo dinheiro, jovens, mortificados de desejos, deixam passar tristemente a mocidade, e, quando emfim conseguem apoderar-se da inebriante taça do amor, é com uma prága ao canto da boca que a leva aos labios. Passou o tempo e veio tarde o gozo, que só o dinheiro permitte.

Quantas aspirações mortas, quantas vocações suffocadas, torcidas, desviadas, quanta obra perdida! Arte, sciencia, philosophia: o dinheiro é o vosso inimigo.

Com uma moeda entre os dedos, um senhor faz consumir numa fadiga bestial, durante horas e horas, dezenas de seres humanos, famintos de algumas rodelas de cobre.

O dinheiro! Disseram-no destinado a facilitar as trocas, e elle tornou-se instrumento de tirania; disseram-no capaz de determinar o valor e util para a economia, e isso significou dividir o trabalho em leve e pesado, agradavel e fastidioso, nobre e ignobil, util e inutil, e isso permittio a accumulação e deu nos o avarento! Accumular, pagar, pôr a juros, transmittir: eis o segredo da tirania!

«O Dinheiro abre todas as portas. O dinheiro dá-nos tudo—a terra, o proprio céo!» E o homem lança-se atrás do idolo, atrás do bezerro de ouro, olhos injectados de sangue, louco, cego, tropeçando, aos encontrões. E uns fazem-se avarentos, possessos da terrivel loucura do «vil metal», outros, os que o tiveram sem esforço ignorando as lagrimas e o sangue com que está cunhado, põem-se a lançal-o ao vento, num esbanjamento de forças, que—estranha contradicção—se torna util!

«O dinheiro abre todas as portas!» E os homens precipitam-se desvairados em sua perseguição, batendo-se ferindo-se, odiando-se, e deixando ao lado, sem os ver, o amor, a paz e a alegria, e deixando ao lado, sem a ver a vida toda!

Torna-se uma idéa fixa; praticam-se todas as infamias, explora-se, rouba-se, assassina-se desce-se ao fundo da terra, entra-se no antro da fabrica, executam-se todas as fainas de escravo, sempre com os olhos fixos nelle Para se conquistar isso que dizem ser a mola da vida, arruina-se a propria vida!

Nessa correria offegante — atrás do que?—duma mentira: é a propria vida que os seres não vêem! A seu lado estendem-se vastos campos incultos para o pão, erguem-se montanhas de granito para as casas, estende-se o ferro para as machinas! A natureza sensual rica, amorosa, abre os seus braços para o homem, solicita-o, convida-o: «Aqui me tens! Fecunda-me! Sou tua! Serás rico, immensamente rico, livrar-te-ei da preoccupação do dinheiro, por que no meu seio poderás sorver toda a vida, repartida entre a sciencia, a philosophia, a arte e o trabalho! Ama-me. Fecunda-me. Sou tua!»

Mas elle não ouve, não vê, não comprehende; tão habituado está a repetir a si proprio que o dinheiro é tudo, que é com os olhos espantados, a bocca rasgada n'uma expressão de pasmo, que elle te fixa, se tu o seguras por um braço e lhe gritas:

—Que procuras tu, louco? Em que consomes a vida estupidamente? Comes o dinheiro? O dinheiro veste-te?

Louco! Conquista a natureza, e não o dinheiro. Della obterás todas as riquezas; a abundancia que busca e tem na ella a teu dispor; porque não l'ha arrancas? A abundancia da-te paz, harmonia e amor.

Vai com os outros homens, em livre accôrdo á conquista de bem estar e de gozos; mas não corras atras de uma chimera. lança-te nos braços da realidade: a Natureza, a boa amante. Por que tens fome, se ella te dá o pão? Porque andas nú se ella te offerece o linho? Porque te fatigas tanto, porque te extenuas, se ella tem ferro para as tuas machinas? Porque moras n'uma pocilga, se ella te da a pedra? A natureza não é de poucos é de todos. E para que havia de ser de um impotente que a deixa esteril, se o seu seio fecundado póde a todos dar vida?

Louco! Livra-te da tyrania do dinheiro, e de quem a impõe. A mola da vida não é o dinheiro: hoje a vida está mal assente, e d'ahi o desiquilibrio. Deve assentar sobre o trabalho, que é o beijo que tu dás á Natureza para a fecundar, e que não é essa pena de escravo que o dinheiro te causa, gerando o odio. E a natureza ajudate na tarefa com as forças do raio e do vapor, com os milhões de braços de ferro das suas minas. És immensamente rico, porque te obstinas em viver como pobre? Abre os olhos para a vida que te rodeia!

Braços abertos, labios ardentes, olhares voluptuosos, a Natureza offerece-se: a Natureza é tua! Porque não a gozas? Porque não a fecundas?

NERO VASCO

União dos Chapeleiros
(Secção de S. Paulo)

Chapeleiros!

Chegamos finalmente á realisação do nosso *intento*, fazendo desaparecer o antagonismo que existia entre muitos individuos das duas associações (*Liga de Resistenc a Cosmopolita*) reunindo as em uma só, e denominido-a — *União dos Chapeleiros* (secção de S. Paulo).

Seria quasi desnecessario dar a explicação do titulo adoptado; entretanto, ligeramente, vamos fazel-o, sómente para aplainar attrictos que por ventura podes sem advir, entre partidarios de uma ou de outra associação reunida.

União — significa o enlaçamento fraternal de todos nós, sem distinção de nacionalidades quaesquer, desapparecendo, por-tanto, deante do titulo, rancores e odios pessoaes; enfim, é um incitamento a nós mesmo, dizendo-nos que devemos combatter unidos pela nossa emancipação social.

Chapeleiros, significa a destruição do velho systhema de associação, isto é, digamos que — chapeleiros serão considerados todos os que trabalham neste officio, quer seja a mão, quer seja a machiná.

Como se vê, recorremos a um novo meio de lucta; mais efficaz e mais concreto.

Dada assim uma explicação, embora que ligeira, da denominação da nova associaçço, passemos a demonstrar o trabalho a cumprir-se; cifra-se em duas palavras, resumem-se na lucta entre o *Capital* e o *Trabalho*.

Companheiros:

Vós o sabeis: a lucta diaria pela exstencia torna-se difficil, dia a dia, torna-se cada vez mais dificultosa; correndo parelhas, com a falta do trabalho, temos, sobre os hombros, o fardo pesado dos horarios extraordinariamente descommungaes, superiores ás nossas forças, a falta de hygiene nas grandes fabricas, e sobretudo, a diminuição de honorarios, facto notado de ha quatro annos para cá.

Tudo isto, é o resultado da falta de energia operaria da falta desconsciencia entre os trabalhadores, pois que, companheiros, não será o fanatismo de um dia ou de um anno, que mostrará o que justamente aspiramos: será a constancia, a assiduidade tena, e, dizemol-o tambem, as tomadas em casos precisos.

E ahi estão, em poucas palavras, as bases da lucta que devemos sustentar, e que naturalmente, é a necessidade indispensavel de hoje e de amanhã

Ainda mais: no seio desta associação, pensamos bem fazer incluindo o *socorro mutuo*, e, alem do direito do subsidio da chegada e da partida, uma diaria razoavel aos socios doentes.

Como vêdes, a *União dos Chapeleiros*, pensou a tudo o que diz respeito aos operarios, não deixando aos insongrentes sophismas para nos atirarem em face; e, francamente o dizemos: quem não é comnosco, é contra nós.

Nada, pois, nos resta senão começar a lucta contra o disfructamento; seremos inesoraveis, sem distincção para quem quer que seja Esta inesorabilidade, aplical-a-hemos com o *boycotar*, de qnalquer modo, os que são contra nós.

Para nós, não existirão palavras e phrases incongruentes, pois que nós lucTaremos com e contra os factos, procurando, assim, ganhar um pão menos trabalhoso e preparar um futuro melhor para os nossos filhos.

Para gozar dos *direitos* supra mencionados é necessario cumprir os *deveres* que todos têem com a *União*, e que consistem em pagar uma pequena quota mensal de 1$500. frequentar a sede e manter-se dentro das regras do estatuto (por emquanto manuscripto e traçado em duas linguas) na séde da *União dos Chapeleiros*: Rua Marechal Deodoro N. 2, das 7 1/2 horas da noite ás 9 da noite, ás 5ª. feiras; e das 8 1/2 ás 11 horas da manhã, aos domingos.

N. B.—*As Associações dos Chapeleiros*, cujas sedes estão no extrangeiro:

Faz-se saber que, desde o dia 7 de Fevereiro ficou constituida a *União dos Chapeleiros*, e, por conseguinte, serão reconhecidos somente os Chapeleiros vindos por outras secções internacionaes que apresentem os documentos em regra; ao mesmo tempo pedimos ás outras secções que não reconheçam officiaes chapeleiros que não apresentem o livro de viagem, e, boycota-os, considerando-os trahidores (*krumiros*,) desde que a nossa associação facilite a todos os operarios meios e vantagens para qualquer pessoa tornar-se associado.

A Commissão Administrativa:
Paulo Badi.
Antonio Vieira da Costa.
Andréa Pacini.
Francisco Murcia.
Oreste Venturi.
Luiz Bringhenti.
Gismundo Ferrari.

Revisadores das Contas:
Affonso Contieri
Duilio Recanzone
Luigi Narducci.

Secretarios:
1. Cesare Biondetti.
2. Tebaldo Soderi.

Contador: Oreste Dalla.
Thesoureiro: Ernesto Ciumei.

Cronaca

La teoria va bene fino ad un certo punto; ciò che la nostra classe, necessita è la pratica: Questa si può fare col dimostrare chiaramente i mali le vassazioni e le stupidaggini che si commettono dai padroni a danno degli operai più o meno organizzati, più imbecilli e perciò poco risoluti Diciamo tutto ciò senza tema di smentita poichè i fatti sono a dimostrare quante serietà dolorose racchiudono le nostre costatazioni. Tanto per cominciare ci dirigiamo subito alla tanto decantato fabbricona di R. General Jardim 45, della quale sono proprietari «le tre nobili energie» dei Sig: Cesare Matanò Nicola Serricchio e Gaetano Pepe.

Questi onorevoli (?) Signori non fanno che battere la gran-cassa della reclame sopra i giornaloni di questa capitale danno ad intendere lucciole per lanterne... e veniamo al sodo.

Nella Tribuna Italiana del 15, 3, 1904 apparse un articoletto riguardante la sopra nominata fabbrica che noi riproduciamo un brano onde il pubblico giudi chi a suo piacimento, eccolo: «E' superfluo da parte nostra — tanta e profonda amicizia ci lega al tre laboriosi intelligenti ad attivi giovani — l'augurio di sempre più prosperi affari.

Teniamo però a ricordare che Matanò e Serricchio hanno saputo poco a poco con costanza di lavoro e di intendimenti crearsi una posizione indipendente invidiabile, liberandosi da legami pesanti, coadiuvati con eguale tenacia di propositi da Gaetano Pepe.

Alle tre nobili energie che affermano nell'industria nazionale tutto il valore di braccia e menti italiane rinnovamenti sinceri di felicitazioni e di voti».

Quanta lode, non è vero? Già; non si ricordano più quei signori dello sciopero del 1902 che si prolungó più di tre mesi per la semplice ragione di non volerli fare i pagamenti regolarmente? Non si ricordono più quei signori la strafottenza che usarono (e che usano) con quegli operai ed in'ispecial modo con la commissione, che si recó da loro onde venire ad un accordo? Ma lasciamo andare il passato (remoto) poiché se si parlasse del tutto bisognerebbe imbrattare queste colonne con citazioni troppo vergognose.

Veniamo dunque al passato prossimo vale a dire a poco tempo indietro da quello che noi scriviamo. (Qui si spiega l'energia! dei nobili industriali.....) Sappiasi che un giorno avvenne una disgrazia della fabbrica la quale consisteva nell'essersi bruciato un cappello (che ancora era da rifinirsi) che cascò inavvedutamente ove si riscaldano i ferri. Non trovato chi l'avesse fatto cascare, i «tre laboriosi intelligenti ed attivi giovani» fecero pagare il cappello a 20 proprietari, non deixando aos insongrentes sophismas para nos atirarem em face; e, francamente o dizemos: quem não é comnosco, é contra nós.

Nada, pois, nos resta senão começar a lucta contra o disfructamento; seremos inesoraveis, sem distincção para quem quer que seja Esta inesorabilidade, aplical-a-hemos com o *boycotar*, de qnalquer modo, os que são contra nós.

Para nós, não existirão palavras e phrases incongruentes, pois que nós lucTaremos com e contra os factos, procurando, assim, ganhar um pão menos trabalhoso e preparar um futuro melhor para os nossos filhos.

Para gozar dos *direitos* supra mencionados é necessario cumprir os *deveres* que todos têem com a *União*, e que consistem em pagar uma pequena quota mensal de 1$500. frequentar a sede e manter-se dentro das regras do estatuto (por emquanto manuscripto e traçado em duas linguas) na séde da *União dos Chapeleiros*: Rua Marechal Deodoro N. 2, das 7 1/2 horas da noite ás 9 da noite, ás 5ª. feiras; e das 8 1/2 ás 11 horas da manhã, aos domingos.

N. B.—*As Associações dos Chapeleiros*, cujas sedes estão no extrangeiro:

Faz-se saber que, desde o dia 7 de Fevereiro ficou constituida a *União dos Chapeleiros*, e, por conseguinte, serão reconhecidos somente os Chapeleiros vindos por outras secções internacionaes que apresentem os documentos em regra; ao mesmo tempo pedimos ás outras secções que não reconheçam officiaes chapeleiros que não apresentem o livro de viagem, e, boycota-os, considerando-os trahidores (*krumiros*,) desde que a nossa associação facilite a todos os operarios meios e vantagens para qualquer pessoa tornar-se associado.

A Commissão Administrativa:
Paulo Badi.
Antonio Vieira da Costa.
Andréa Pacini.
Francisco Murcia.
Oreste Venturi.
Luiz Bringhenti.
Gismundo Ferrari.

Revisadores das Contas:
Affonso Contieri
Duilio Recanzone
Luigi Narducci.

Secretarios:
1. Cesare Biondetti.
2. Tebaldo Soderi.

Contador: Oreste Dalla.
Thesoureiro: Ernesto Ciumei.

Passando in rivista questi onorevoli industriali non sará male far conoscere (a chi non lo sa) quello che succede nella fabbrica del Sig: Dario Del-Panta.

Qui saremo brevi poiché sappiamo che è in agonia ed allora è meglio recitarci un Deprofundis che far del baccano. (1)

Dunque l'ex proprietario dell'industria femminile con sede del traffico in R. San Giovanni, pensó bene ritirarsi da questa per dedicarsi completamente all'arte cappellaroia. Come vedete ha fatto un gran salto! d'affitta camere e ..... è divenuto tecnico industriale: e che industriale!! Figuratevi chi s'industria anche col pagare gl'operai dopo due mesi e quando questi operai reclamano il denaro poiché non intendono lavorare sotto di lui, esso si rifiuta facendosi piuttosto chiamare dal giudice di pace

Questo é avvenuto or sará due mesi che 5 operai per scarsitá di lavoro, per infima tariffa e per sospirare i denari do po aver lavorato, si licenziarono.

Naturalmante, esigevano il pagamento, questo non gli accordó il Del Panta, anzi li portó tanto per il naso che furono costretti a recarsi in massa dal giudice di pace onde intervenisse (dopo un mese che si erano licenziati) per obbligare quella perla d'industriale a pagare

In forza dell'intimazione, l'ex industriale femminile pagó gl'operai, ma peró non riceverono per intero il loro avere, stante il lascito che furono costretti di fare per le spese giudiziarie. (9. 10 e 12$000 reis).

Conclusione — Sempre é l'operaio che ci rimette, sempre, fintantoché non conoscerá e saprá far rispettare i suoi diritti.

Un' altro fatterello anzi piú fatterelli consimili ai sopra esposti avvennero nella fabbrica del Sig: Ferranti.

Citeremo l'ultimo per non prendere tanto sparlo in questa rubrica tanto le sappiamo che le gesta di questi industriali a scartamento ridotto son sempre le solite, cioé i maltrattamenti uniti ad uno sfruttamento eccessibile Dunque questa perla di fabbricante non avendo tanto lavoro e per questo non potendo mantenere un personale troppo numeroso (per il suo piccolo capitale) si attaccó ad uno di quei tanti ammenicoli che i proprietari han sempre pronti.

Ascoltate che scusa prese il Sig: Ferrante per licenziare un lavorante.

Un cappello fu trovato bucherellato dai toppi per questo venne chiamato il lavorante Dalla Oreste e li fu attribuita a lui la colpa, dicendo che se il cappello era in quello stato era per colpa sua stante la trascuranza nella lavorazione. Ora noi possiamo sopra a questa vigliacca buaggine e chiediamo al sig: Ferranti; perché licenziando quel lavorante non lo pagó all'istante? Non sa forse che licenziando un lavorante é dovere del padrone il pagarlo subito? Perché ció non a fatto l'Illustrissimo industriale?

Gli sia di norma per un'altra volta che quando per suo capriccio vuol licenziare un lavorante deve pagarlo all'istante e non farlo aspettare a suo capriccio.

Per finire.

Cappellai vi piace la pinga?

Se sì, recatevi a lavorare da Andrea Parodi che quel bel tomo ve ne somministra in quantitá. Peró la moneta Lui l'a abolita.

(1) All'ultima ora sappiamo che la fabbrica Del Panta e stata chiusa, perció, *parce sepulti*.

Avisos

Lembramos aos companheiros que desejam inscrever-se na «União dos Chapeleiros» que o façam antes do dia 7 de agosto proximo, pois que dessa data em deante, terão que pagar a joia de 5$000 para o fundo social.

Para qualquer reclamação ou asumpto referente á este jornal, á associação ou á classe dos Chapeleiros, dirigir-se á séde social, ás quintas-feiras das 7 1/2 ás 9 1/2 horas da noite e aos domingos das 9 ás 11 1/2 horas da manhã.

Rectificação

No relatorio dos trabalhos executados pelo Congresso Internacional, na parte referente aos salarios no Brazil temos uma rectificação a fazer; os salarios não são de 5$ francos semanaes, como por engano foi publicado, mas sim de 30 a 35.

A organicação foi iniciada por operarios chapeleiros de todas as Nações, tendo as ex *Liga e Cosmopolita* subida a transformação, brevemente daremos as Estatisticas dos operarios organizados em *São Paulo e Rio de Janeiro*.

Balanços das ex-Sociedades

LIGA E COSMOPOLITA

Resumo total da ex-Cosmopolita ..... 1.053$800
Liga ..... 5$000
Total geral Rs. 1.058$800

N. B. Este dinheiro fazerá parte da caixa do mutuo soccorro da actual «*União dos Chapeleiros*»

Subscrição

DA EX LIGA DE RESISTENCIA A FAVOR DO N. 3 D'«O CHAPELEIRO»

Lista da Liga — Francisco Murcia, 500; Antonio Spolaore, 200; Oreste Dani 500; José Tomato, 400; Tebaldo Soderi, 300. Reis 1.900
Recoletado no Casino Pentead o de Luiz Brenghenti 2.700
Lista de Francisco Venci, 1.200

Total Rs. 5,800

CORREIO

BRAZIL.

União dos Chapeleiros, *Rio de Janeiro*. Esperamos a resposta do nosso officio enviado no dia 26 do corr.

PORTUGAL

Liga dos Chapeleiros, *Lisboa*. Temos enviado manifestos e carta. Respondeis logo. O mesmo diga-se para a Liga e Cooperativa dos Chapeleiros de *Porto*.

ITALIA

Federazione Cappellari-Monza. Ricevemmo lettera riguardo Rocco Gualdoni, vi rispondiamo con lettera in data 24-4-904,

Avete ricevuto manifesti e lettera dove accennava la fusione delle due Società?

HESPANHA

Federação dos Chapeleiros. — *Valencia*. Recebemos o livro Regulamento da vossa Federação. Receberam manifestos e carta?

FRANÇA

Federação Internacional.— *Paris*. Vi abbiamo spediti manifesti e lettera della avvenuta fusione. Attendiamo vostre notizie in proposito. Il 24 corr: vi abbiamo spedito lettera.

ARGENTINA

Sociedade dos Operarios Chapeleiros. — *Buenos Ayres*. Recebemos a vossa carta. Estamos esperando o vosso jornal.

Sociedade Chapeleiros. — *La Plata*. Pedimos de escrever. Temos enviados manifestos.

Sociedade Chapeleiros. — *Montevideo*. Por ter tidos préocupações não respondemos a vossa carta, pedimos disculpar, receberam manifestos.

NORTE-AMERICA

Fédération Norte Américaine Journal fo the Atersof *Brooklyn*.

Temos enviados carta e manifestos. Pedimos de escrever.

resistir a uma acção bem combinada e dirigida, da parte do proletariado.

Quando uma *grève* rebentasse, por motivos justos, como quasi sempre tem acontecido, as differentes classes operarias estivessem associadas e nos seus cofres algum monetario, além da educação precisa para se porem ao lado dos seus camaradas; quando os operarios dos diversos ramos em que se subdivide a grande familia dos productores, estivessem dispostos pelo espirito de solidariedade e de communhão de interesses, a cruzar os braços, logo que um conflicto se désse, a partir do operario que se manipula o pão até áquelle que nos *restaurants* o reduz a sopa, desde o que representa para divertir a burguezia, até aos que a conduzem nos trens, guiando-lhes as suas parelhas: n'uma palavra, quando todos os que empregam a sua actividade para sustentar a sociedade actual, estivessem convencidos e scientes da força que possuem, a *grève* tornar-se-hia uma potestade de tal ordem que o capital por muito poderoso, teria de curvar a cerviz perante a força herculea que um simples: *não quero!* dos trabalhadores evidenciaria.

Os conservadores teem prohibido as reuniões publicas, o direito do povo manifestar as suas idéas, não aceitam reclamações, dissolvem aggremiações politicas, tolhendo a liberdade de associação e se consentem as associações de classe, é porque não deixam discutir os seus assumptos, sem que n'ella intervenha a tutella da auctoridade policial; mas o que não podem, é obrigarem os operarios a trabalhar quando elles não queiram.

Por isso, a *gréve*, sob este ponto de vista, póde d'um momento para outro, redimir muitos escravos modernos, fazendo desapparecer as injustiças e os actos improprios d'uma sociedade que se diz civilisada e que brigam, flagrantemente, com o humanitarismo que as classes preponderantes blasonam possuir.

O Dinheiro

«O dinheiro é a mola real desta vida», diz-se; «o dinheiro abre todas as portas», accrescenta-se. Tudo com elle se adquire: o pão e os livros, o vestuario e o saber, as consciencias e os palacios, a arte e o calçado, o prazer e os cleitores, uma mobilia e um noivo, o braço do operario e as caricias das mulheres — honras, protecções, fama, amizade, tudo!

E ao mesmo tempo que se proclama, com um terror supersticioso, a omnipotencia do dinheiro para a conquista das riquezas, reconhece-se com a alma dilacerada que elle deixa sobre a vida um profundo sulco de desgosto, que elle derrama uma nódoa sobre todos os prazeres e estende uma nuvem sobre todas as alegrias».

Pelo dinheiro, jovens, mortificados de desejos, deixam passar tristemente a mocidade, e, quando emfim consequem apoderar-se da inebriante taça do amor, é com uma prêga ao canto da boca que a leva aos labios. Passou o tempo e veio tarde o gozo, que só o dinheiro permitte.

Quantas aspirações mortas, quantas vocações suffocadas, torcidas, desviadas, quanta obra perdida! Arte, sciencia, philosophia: o dinheiro é o vosso inimigo.

Com uma moeda entre os dedos, um senhor faz consumir numa fadiga bestial, durante horas e horas, dezenas de seres humanos, famintos de algumas rodelas de cobre.

O dinheiro! Disseram-no destinado a facilitar as trocas, e elle tornou-se instrumento de tirania; disseram-no capaz de determinar o valor e util para a economia, e isso significou dividir o trabalho em leve e pesado, agradavel e fastidioso, nobre e ignobil, util e inutil, e isso permittio a accumulação e deu nos o avarento! Accumular, pagar, pôr a juros, transmittir: eis o segredo da tirania!

«O Dinheiro abre todas as portas. O dinheiro dá-nos tudo—a terra, o proprio céo!» E o homem lança-se atrás do idolo, atrás do bezerro de ouro, olhos injectados de sangue, louco, cego, tropeçando, aos encontrões. E uns fazem-se avarentos, possessos da terrivel loucura do «vil metal», outros, os que o tiveram sem esforso ignorando as lagrimas e o sangue com que está cunhado, põem-se a langal-o ao vento, num esbanjamento de forças, que—estranha contradicção—se torna util!

«O dinheiro abre todas as portas!» E os homens precipitam-se desvairados em sua perseguição, batendo-se ferindo-se, odiando-se, e deixando ao lado, sem os ver, o amor, a paz e a alegria, e deixando ao lado, sem a ver a vida toda!

Torna-se uma idéa fixa; praticam-se todas as infamias, explora-se, rouba-se, assassina-se desce-se ao fundo da terra, entra-se no antro da fabrica, executam-se todas as fainas de escravo, sempre com os olhos fixos nelle. Para se conquistar isso que dizem ser a mola da vida, aniquila-se a propria vida!

Nessa correria effegante — atrás do que?—duma mentira: é a propria vida que os seres não vêem! A seu lado estendem-se vastos campos incultos para o pão, erguem-se montanhas de granito para as casas, estende-se o ferro para as machinas! A natureza sensual e rica, amorosa, abre os seus braços para o homem, solicita-o, convida-o: — «Aqui me tens! Fecunda-me! Sou tua! Serás rico, immensamente rico, livrar-te-ei da preoccupação do dinheiro, por que no meu seio poderás sorver toda a vida, repartida entre a sciencia, a philosophia, a arte e o trabalho! Ama-me. Fecunda-me. Sou tua!»

Mas elle não ouve, não vê, não comprehende; tão habituado está a repetir a si proprio que o dinheiro é tudo, que é com os olhos espantados, a bocca rasgada n'uma expressão de pasmo, que elle te fixa, se tu o seguras por um braço e lhe gritas:

—Que procuras tu, louco? Em que consomes a vida estupidamente? Comes o dinheiro? O dinheiro veste-te?

Louc! Conquista a natureza, e não o dinheiro. Della obterás todas as riquezas; a abundancia que busca-a temna ella a teu dispor; porque não l'ha arrancas? A abundancia da-te paz, harmonia e amor.

Vai com os outros homens, em livre accôrdo á conquista de bem estar e de gozos; mas não corras atras de uma chimera. lança-te nos braços da realidade: a Natureza, a boa amante. Por que tens fome, se ella te dá o pão? Porque andas nú se ella te offerece o linho? Porque te fatigas tanto, porque te extenuas, se ella tem ferro para as tuas machinas? Porque moras n'uma pocilga, se ella te da a pedra? A natureza não é de poucos é de todos. E para que havia de ser de um impotente que a deixa esteril, se o seu seio fecundado póde a todos dar vida?

Louco! Livra-te da tyrania do dinheiro, e de quem a impõe. A mola da vida não é o dinheiro: hoje a vida está mal assente, e d'ahi o desiquilibrio. Deve assentar sobre o trabalho, que é o beijo que tu dás á Natureza para a fecundar, e que não é essa pena de escravo que o dinheiro te causa, gerando o odio. E a natureza ajudate na tarefa com as forças do raio e do vapor, com os milhões de braços de ferro das suas minas. És immensamente rico, porque te obstinas em viver como pobre? Abre os olhos para a vida que te rodeia!

Braços abertos, labios ardentes, olhares voluptuosos, a Natureza offerece-se: a Natureza é tua! Porque não a gozas? Porque não a fecundas?

NENO VASCO

União dos Chapeleiros
(Secção de S. Paulo)

Chapeleiros!

Chegamos finalmente á realisação do nosso *intento*, fazendo desaparecer o antagonismo que existia entre muitos individuos das duas associações *(Liga de Resistenc a Cosmopolita)* reunindo as em uma só, e denominindo-a — *União dos Chapeleiros* (secção de S. Paulo).

Seria quasi desnecessario dar a explicação do titulo adoptado; entretanto, ligeramente, vamos fazel-o, sómente para aplainar attrictos que por ventura podes sem advir, entre partidarios de uma ou de outra associação reunida.

União — significa o enlaçamento fraternal de todos nós, sem distincção de nacionalidades quaesquer, desapparecendo, por-tanto, deante do titulo, rancores e odios pessoaes; enfim, é um incitamento a nós mesmo, dizendo-nos que devemos combater unidos pela nossa emancipação social.

Chapeleiros, significa a destruição do velho systhema de associação, isto è, digamos que — chapeleiros serão considerados todos os que trabalham neste officio, quer seja a mão, quer seja a machina.

Como se vê, recorremos a um novo meio de lucta; mais efficaz e mais concreto.

Dada assim uma explicação, embora que ligeira, da denominação da nova associação, passemos a demonstrar o trabalho a cumprir-se; cifra-se em duas palavras, resume-se na lucta entre o *Capital* e o *Trabalho*.

Companheiros:

Vós o sabeis: a lucta diaria pela existencia torna-se difficil, dia a dia, torna-se cada vez mais difficultosa; correndo parelhas, com a falta do trabalho, temos, sobre os hombros, o fardo pesado dos horarios extraordinariamente descommungaes, superiores ás nossas forças, a falta de hygiene nas grandes fabricas, e sobretudo, a diminuição de honorarios, facto notado de ha quatro annos para cá.

Tudo isto, é o resultado da falta de energia operaria da falta desconsciencia entre os trabalhadores, pois que, companheiros, não será o fanatismo de um dia ou de um anno, que mostrará o que justamente aspiramos: será a constancia, a assiduidade tena, e, dizemol-o tambem, as tomadas em casos precisos.

E ahi estão, em poucas palavras, as bases da lucta que devemos sustentar, e que naturalmente, é a necessidade indispensavel de hoje e de amanhã.

Ainda mais: no seio desta associação, pensamos bem fazer incluindo o *socorro mutuo*, e, alem do direito do subsidio da chegada e da partida, uma diaria razoavel aos socios doentes.

Como vêdes, a *União dos Chapeleiros*, pensou a tudo o que diz respeito aos operarios, não deixando aos incongrentes sophismas para nos atirarem em face; e, francamente o dizemos: quem não é comnosco, é contra nós.

Nada, pois, nos resta senão começar a lucta contra o disfructamento; serenos inesoraveis, sem distincção para quem quer que seja Esta inesorabilidade, aplical-a-hemos com o *boycotar*, de qualquer modo, os que são contra nós.

Para nós, não existirão palavras e phrases incongruentes, pois que nós lucTaremos com e contra os factos, procurando, assim, ganhar um pão menos trabalhoso e preparar um futuro melhor para os nossos filhos.

Para gozar dos *direitos* supra mencionados é necessario cumprir os *deveres* que todos têem com a *União*, e que consistem em pagar uma pequena quota mensal de 1$500. frequentar a sede e manter-se dentro das regras do estatuto (por emquanto manuscripto e traçado em duas linguas) na séde da *União dos Chapeleiros*: Rua Marechal Deodoro N. 2, das 7 1|2 horas da noite ás 9 da noite, ás 5ª. feiras; e das 8 1|2 ás 11 horas da manhã, aos domingos.

N. B.—*As Associações dos Chapeleiros*, cujas sedes estão no extrangeiro:

Faz-se saber que, desde o dia 7 de Fevereiro ficou constituida a *União dos Chapeleiros*, e, por conseguinte, serão reconhecidos somente os Chapeleiros vindos por outras secções internacionaes que apresentem os documentos em regra; ao mesmo tempo pedimos ás outras secções que não reconheçam officiaes chapeleiros que não apresentem o livro de viagem, e, boycota-os, considerando-os trahidores (*kruniros,*) desde que a nossa associação facilite a todos os operarios meios e vantagens para qualquer pessoa tornar-se associado.

A Commissão Administrativa:
Paulo Badi.
Antonio Vieira da Costa.
Andréa Pacini.
Francisco Murcia.
Oreste Venturi.
Luiz Bringhenti.
Gismundo Ferrari.

Revisadores das Contas:
Affonso Contieri
Duilio Recanzone
Luigi Narducci.

Secretarios:
1. Cesare Biondetti.
2. Tebaldo Soderi.

Contador: Oreste Dalla.
Thesoureiro: Ernesto Ciumei.

Cronaca

La teoria va bene fino ad un certo punto; ciò che la nostra classe, necessita è la pratica: Questa si può fare col dimostrare chiaramente i mali le vassazioni e le stupidaggini che si commettono dai padroni a danno degli operai più o meno organizzati, più imbecilli e perciò poco risoluti Diciamo tutto ciò senza tema di smentita poichè i fatti sono a dimostrare quante seriezá dolorose racchiudono le nostre costatazioni. Tanto per cominciare ci dirigiamo subito alla tanto decantato fabbricona di R. General Jardim 45, della quale sono proprietari «le tre nobili energie» dei Sig: Cesare Matanò Nicola Serricchio e Gaetano Pepe.

Questi onorevoli (?) Signori non fanno che battere la gran-cassa della reclame sopra i giornaloni di questa capitale dando ad intendere lucciole per lanterne . . . e veniamo al sodo.

Nella Tribuna Italiana del 15, 3, 1904 apparse un articoletto riguardante la sopra nominata tabbrica che noi riproduciamo un brano onde il pubblico giudichi a suo piacimento, eccolo: «E' superfluo da parte nostra — tanta e profonda amicizia ci lega al tre laboriosi intelligenti ad attivi giovani — l'augurio di sempre più prosperi affari.

Teniamo però a ricordare che Matanò e Serricchio hanno saputo poco a poco con costanza di lavoro e di intendimenti crearsi una posizione indipendente invidiabile, liberandosi da legami pesanti, coadiuvali con eguale tenacia di propositi da Gaetano Pepe.

Alle tre nobili energie che affermano nell'industria nazionale tutto il valore di braccia e menti italiane rinnovamenti sinceri di felicitazioni e di voti».

Quanta lode, non è vero? Già; non si ricordano più quei signori dello sciopero del 1902 che si prolungò più di tre mesi per, la semplice ragione di non voler fare i pagamenti regolarmente? Non si ricordono più quei signori la stratotenza che usarono (e che usano) con quegli operai ed in'ispecial modo con la commissione, che si recó da loro onde venire ad un accordo? Ma lasciamo andare il passato (remoto) poiché se si parlasse del tutto bisognerebbe imbrattare queste colonne con citazioni troppo vergognose.

Veniamo dunque al passato prossimo vale a dire a poco tempo indietro da quello che noi scriviamo. (Qui si spiega l'energia! dei nobili industriali . . . . .)

Sappiasi che un giorno avvenne una disgrazia della fabbrica la quale consisteva nell'essersi bruciato un cappello (che ancora era da rifinirsi) che cascò inavvedutamente ove si riscaldano i ferri. Non trovato chi l'avesse fatto cascare, i «tre laboriosi intelligenti ed attivi giovani» fecero pagare il cappello a 20 proprietari che diede un risultato di 20$000 reis poichè furono tassati di 1$000 reis ciascuno. (Notate che il cappello non valeva neppur 3$000.) Passati pochi giorni da questa *grande disgrazia* ne succede un'altra ancora, la quale fu, che trovarono un cappello lavorato sol dai fullisti che era tagliato e non si seppe da chi: allora per «crearsi una posizione indipendente, invidiabile» per liberarsi «da legami pesanti» pensarono di far pagare il cappuccio (cappello in prima lavorazione di fulla) a tutti i lavoranti in quel ramo il che diede un totale (a 500 reis ciascheduno) di 12$000 reis, e il cappuccio non valeva che 2$000 reis.

Altri commenti sú ció non li facciamo, ci siamo contentati di esporre due soli fatti per far conoscere il sale e il pepe....

In quanto a tutti questi abusi siamo certi che non avverrebbero se gli operai fossero associati, se fossero un tantino risoluti, in sostanza meno imbecilli. Ma quando, aspetteremo a far valere le vostre ragioni?

Del resto fate come più vi aggrada, già lo sappiamo «ogni popolo ha il governo che si merita».

—

Passando in rivista questi onorevoli industriali non sará male far conoscere (a chi non lo sa) quello che succede nella fabbrica del Sig: Dario Del-Panta.

Qui saremo brevi poiché sappiamo che é in agonia ed allora é meglio recitarci un Deprofundis che far del baccano. (1)

Dunque l'ex proprietario dell'industria femminile con sede del traffico in R. San Giovanni, pensó bene ritirarsi da questa per dedicarsi completamente all'arte cappellatoria. Come vedete ha fatto un gran salto! d'affitta eamere e . . . . . é divenuto tecnico industriale: e che industriale!! Figuratevi chi s'industria anche col pagare gl'operai dopo due mesi e quando questi operai reclamano il denaro poiché non intendono lavorare sotto di lui, esso si rifiuta facendosi piuttosto chiamare dal giudice di pace

Questo é avvenuto or sará due mesi che 5 operai per scarsità di lavoro, per infima tariffa e per sospirare i denari do po aver lavorato, si licenziarono.

Naturalmante, esigevano il pagamento, questo non gli accordó il Del Panta, anzi li portó tanto per il naso che furono costretti a recarsi in massa dal giudice di pace onde intervenisse (dopo un mese che si erano licenziati) per obbligare quella perla d'industriale a pagare

In forza dell'intimazione, l'ex industriale femminile pagó gl'operai, ma peró non riceverono per intero il loro avere, stante il lascito che furono costretti di fare per le spese giudiziarie. (9. 10 e 12$000 reis).

Conclusione — Sempre é l'operaio che ci rimette, sempre, fintantoché non conoscerá e saprá far rispettare i suoi diritti.

—

Un' altro fatterello anzi piú fatterelli consimili ai sopra esposti avvennero nella fabbrica del Sig: Ferranti.

Citeremo l'ultimo per non prendere tanto spazio in questa rubrica tanto lo sappiamo che le gesta di questi industriali a scartamento ridotto son sempre le solite, cioé i maltrattamenti uniti ad uno sfruttamento eccessibile. Dunque questa perla di fabbricante non avendo tanto lavoro e per questo non potendo mantenere un personale troppo numeroso (per il suo piccolo capitale) si attaccó ad uno di quei tanti ammenicoli che i proprietari han sempre pronti.

Ascoltate che scusa prese il Sig: Ferrante per licenziare un lavorante.

Un cappello fu trovato bucherellato dai topi per questo venne chiamato il lavorante Dalla Oreste e li fu attribuita a lui la colpa, dicendo che se il cappello era in quello stato era per colpa sua stante la trascuranza nella lavorazione. Ora noi possiamo sopra a questa vigliacca buaggine e chiediamo al sig: Ferranti; perché licenziando quel lavorante non lo pagó all'istante? Non sa forse che licenziando un lavorante é dovere del padrone il pagarlo subito? Perché ció non a fatto l'illustrissimo industriale?

Gli sia di norma per un'altra volta che quando per suo capriccio vuol licenziare un lavorante deve pagarlo all'istante e non farlo aspettare a suo capriccio.

Per finire.

Cappella! vi piace la pinga?

Se si, recatevi a lavorare da Andrea Parodi che quel bel tomo ve ne somministra in quantitá. Peró la moneta Lui l'a abolita.

(1) All'ultima ora sappiamo che la fabbrica Del Panta e stata chiusa, perció, *parce sepulti.*

Avisos

Lembramos aos companheiros que desejam inscrever-se na «União dos Chapeleiros», que o façam antes do dia 7 de agosto proximo, pois que dessa data em deante, terão que pagar a joia de 5$000 para o fundo social.

—

Para qualquer reclamação ou asumpto referente á este jornal, á associação ou á classe dos Chapeleiros, dirigir-se á séde social, ás quintas-feiras das 7 1|2 ás 9 1|2 horas da noite e aos domingos das 9 ás 11|2 horas da manhã.

Rectificação

No relatorio dos trabalhos executados pelo Congresso Internacional, na parte referente aos salarios no Brazil temos uma rectificação a fazer; os salarios não são de 5$ francos semanaes, como por engano foi publicado, mas sim de 30 a 35.

A organicação foi iniciada por operarios chapeleiros de todas as Nações, tendo as ex *Liga e Cosmopolita* subida a transformação, brevemente daremos as Estatisticas dos operarios organizados em *São Paulo e Rio de Janeiro.*

Balanços das ex-Sociedades
LIGA E COSMOPOLITA

Resumo total da ex-Cosmopolita	1.053$800
Liga	5$000
Total geral Rs.	1.058$800

N. B. Este dinheiro fazerá parte da caixa do mutuo «soccorro da actual «*União dos Chapeleiros*»

Subscrição
DA EX LIGA DE RESISTENCIA A FAVOR DO N. 3 D'«O CHAPELEIRO»

Lista da Liga — Francisco Murcia, 500; Antonio Spolaore, 200; Oreste Dani 500; José Tomato, 400; Tebaldo Soderi, 300. Reis 1.900

Recoletado no Casino Pentenado de Luiz Brenghenti 2.700

Lista de Francisco Venci, 1.200

Total Rs. 5,800

CORREIO

BRAZIL.

União dos Chapeleiros, *Rio de Janeiro*. Esperamos a resposta do nosso officio enviado no dia 26 do corr.

PORTUGAL

Liga dos Chapeleiros, *Lisbon*. Temos enviado manifestos e carta. Respondeis logo. O mesmo diga-se para a Liga e Cooperativa dos Chapeleiros de *Porto*.

ITALIA

Federazione Cappellari-Monza. Ricevemmo lettera riguardo Rocco Gualdoni, vi rispondiamo con lettera in data 24-4-904.

Avete ricevuto manifesti e lettera dove accennava la fusione delle due Societá?

HESPANHA

Federação dos Chapeleiros. — *Valencia*. Recebemos o livro Regulamento da vossa Federação. Receberam manifestos e carta?

FRANÇA

Federação Internacional.— *Paris*. Vi abbiamo spediti manifesti e lettera della avvenuta fusione. Attendiamo vostre notizie in proposito. Il 24 corr: vi abbiamo spedito lettera.

ARGENTINA

Sociedade dos Operarios Chapeleiros. — *Buenos Ayres*. Recebemos a vossa carta. Estamos esperando o vosso jornal.

Sociedade Chapeleiros. — *La Plata*. Pedimos de escrever. Temos enviados manifestos.

Sociedade Chapeleiros. — *Montevideo*. Por ter tidos préocupações não respondemos a vossa carta, pedimos disculpar, receberam manifestos.

NORTE-AMERICA

Fédération Norte Américaine Journal fo the Atersof *Brooklyn*.

Temos enviados carta e manifestos. Pedimos de escrever.

tez necesaria para hacer trizar las cadenas que os sujetan al potro de la explotación y tirania capitalista !

Aceptad este consejo de un buen amigo vuestro, quecomo vosotros, ansia el triunfo de la igualdad económica, base de la fraternidad humana.

COMPAÑEROS

Vamos á engrosar las filas de la Unión de los Sombrereros y una vez unidos podremos romper la odiosa cadena burgueza que tanto nos oprime.

!Viva la emancipación humana !

¡ Viva el 1.° Mayo !

L'organizzazione della donna operaia

L'organizzazione della donna operaia é cosa certamente non trascurabile da parte di tutti coloro, e specialmente da parte dei socialisti, che coraggiosamente hanno iniziata la non facile lotta delle rivendicazioni proletarie, come non é cosa certamente facile il conseguirla, dato il terreno difficile che si deve coltivare, poiché la donna proletaria per troppo lungo tempo abbandonata a sé stessa, alla sua miseria morale e materiale fa uno sforzo immenso e riesce pochissime volte a comprenderci, quando le parliamo della necessitá di organizzarsi.

***

Tutto ció peró se ci fa pensare, non ci deve né scoraggiare, né rendere scettici, dimostrando di aver poca fiducia nelle forze femminili, perché allora avremmo subito torto di fronte al furbo capitalista, il quale, mentre noi consideriamo la donna leggera e cosa da trascurarsi nel bilancio attivo delle forze e del pensiero umano, essi nel suo campo, nella sua *fazenda*, nel suo opificio, ne sfrutta l'energia del corpo e della intelligenza, riducendola di punto in bianco strumento di lavoro. in granaggio indispensabile alla macchina che vertiginosamente produce. E dubitando ancora del beneficio che la donna organizzata potrebbe arrecare alla notara lotta intrapresa, avremmo torto, (come di fronte al capitalista anche di fronte ai non meno furbi preti, i quali se ancora tanto in alto stanno, e dall'alto dominano, é solo perché bene sanno insinuarsi nel cuore della donna, sfruttandone il sentimento delicato.

Convinti invece della assoluta necessitá di organizzare in fascio le donne operaie a qualsiasi ramo d'industria esse appartengano, di fronte a tutta questa non facile, ma nuova e necessaria educazione da compiere, noi dobbiamo corredarsi di una forte dose di volontá e metterci seriamente al lavoro per la buona causa.

***

Ogni creatura che lavora, che produce per la collettivitá umana, che collabora e che concorre colla propria energia di braccio o di pensiero al benessere sociale, ha diritto ad una vita tranquilla o almeno non tormentata dalla triste incertezza economica del domani. Invece noi constatiamo, e i fatti concorrono a darci ragione, che cosi non avviene. Il lavoro collettivo che le masse producono tutto a vantaggio del capitale, é sempre moralmente poco considerato, materialmente, sempre male retribuito, ed in ispecial modo il lavoro femminile. Perché questo avviene, e di chi la colpa? — Di chi fa lavorare e sfrutta — mille voci sono pronte a rispondere e non avrebbero tutti i torti, ma se al di sopra del giusto risentimento che proviamo, constatando la innegabile ingordigia capitalistica vogliamo porre la ragione fredda. serena, noi dobbiamo allora confessare che un gran torto l'abbiamo tutti ché in linea generale abbiamo sempre dato poca importanza al lavoro della donna e non ci siamo mai soffermati a guardare il meraviglioso concorso che il lavoro femminile ha sempre portato nell' enorme campo della produzione.

Gli studiosi, i buoni l' hanno detto da molto tempo sui loro libri e dalle loro tribune, sfatando la leggenda che dice essere la donna pigra e non amante del lavoro, dimostrandolo anche con statistiche precise.

Dappertutto, dove il sole dardeggia, dove fuma una ceminiera, nelle viscere della terra dove non penetra la luce, dove cresce un fiore o matura un frutto, dove si adopera l'ago o la penna, dove si impara e s' insegna noi troviamo la donna amante del lavoro e che a questo dá le sue migliori energie, gli anni piú belli della sua vita. Noi ve la troviamo in numero maggiore degli uomini, e la vediamo compiere lavori non inferiori a quelli dagli uomini compiuti. Ma la classe proletaria non ha mai osservato profondamente tutto ció ed ha sempre guardato con un senso di diffidenza gli studiosi che la richiamavano su questo meraviglioso fenomeno di attivitá sprigionantesi dall'energia femminile; abituandosi invece a considerare il salario che la donna percepisce dal lavoro che faticosamente produce, e troppe volte a danno della sua salute e di quella delle sue creature, come *un di piú*, una aggiunta al guadagno che l'uomo porta in famiglia, dimenticandosi sempre di esaminare se a questo lavoro, a questo magro guadagno chiamato *un di piú* si é mai dato *qualche cosa di meno* di quanto meritava. E' questo il torto piú grave che ha avuto e che ha tutt'ora la classe lavoratrice in genere, torto che ha cosi permesso la potentissima perpetrazione dello sfruttamento esercitato sul lavoro femminile.

***

Nella constatazione peró di questo torto grave, é nostro dovere osservare come la classe lavoratrice abbia incominciato a riconoscerlo e come entusiasticamente e coscienziosamente abbia pure incominciato a ricredersi ed a lavorare, perché alfine se ne cancellino le tristissime conseguenze.

Forti e numerose organizzazioni sono sorte nell'intento di rivendicare i loro diritti dove maggiormente si é sviluppato ed ha preso stanza l'industria.

In Germania, in Inghilterra, nel Belgio, in Francia, in Italia e nella America del Nord, il proletariato si é scosso dal sonno letargico che per tanto tempo gli aveva fiaccato lo spirito ed addormentato il pensiero. Si é scosso, ha lasciato le quinte e si é avanzato sul palcoscenico della vita, domandando alla societá per la quale lavora, non applausi, ma diritto all'esistenza.

Dappertutto sono sorte organizzazioni, Leghe di resistenza, Federazioni di mestiere, col nobile scopo di liberare la classe lavoratrice dalla sua schiavitú economica e morale.

Né alle donne si é parlato invano, per quanto siano ancora le piú restie. — In Italia, e specialmente nell'Emilia, numerose sono le organizzazioni femminili che hanno aderito alla lotta ingaggiata; organizzazioni che hanno avuto i loro momenti di combattivitá, di agitazioni gravissime e che riportarono vittorie considerevoli. Cosi pure in altri paesi, la donna, ha saputo dar prova di fortemente voler lavorare per il miglioramento delle proprie condizioni morali e materiali creando associazioni di resistenza in ogni ramo di lavoro, associazioni che hanno assunto una importanza speciale per la loro trasformazione in veri istituti educativi, nei quali la donna, dopo la sua giornata di lavoro trova il mezzo di andare ad educare il suo pensiero, ad istruirsi per la conquista di un avvenire migliore.

Esse si sono finalmente chiesto:

— Diamo noi alla societá un vantaggio col nostro lavoro ?

La risposta non poteva essere negativa.

Ma si sono domandate ancora:

— Col compenso ricavato dal nostro lavoro possiamo bastare a noi stesse, procurarci quanto ci é di assoluto bisogno per vivere onestamente e senza angoscie ? —

La risposta questa volta é stata negativa e mise in pensiero le forti lavoratrici.

Uno stesso tarlo consumava il frutto dei loro prodotti. — Lo sfruttamento continuato. — Si ricordarono allora dell'apologo che, narrava come un padre per mettere la pace e il benessers fra i suoi figli, sempre in lite fra loro, ricorresse all'esempio delle verghe.

— Vedete, egli diceva loro, una verga sola la rompo anch' io che sono vecchio, un fascio di verghe non riesce nemmeno a piegarlo la vostra forza giovanile. — Il ricordo sorti il suo effetto e le donne in gran parte si organizzarono — conscie dei loro diritti — per rivendicare tutta la schiavitú patita attraverso le pagine del passato.

Lavoratrici, impariamo anche noi.

ERNESTINA LESINA.

L' igiene

Ci troviamo in un paese dove vigono moltissime leggi, ma ben poche, per non dire nessuna, sono quelle che favoriscono l'operaio, e fra queste dovrebbe trovarsi quella delle ispezioni delle fabbriche, opifici ecc, dove l'operaio vive una metá della sua vita. Fra le nazioni civile la Svizzera, per esempio, ne fa qualcuna.

Questo é conosciuto da tutti gli interessati.

Perció questi dovrebbero pensarci; non rivedendo ed analizzando tutte le leggi qui promulgate, perchè sarebbe assurdo che il lavoratore facesse ciò, anche perchè le leggi sono elastiche, specialmente in questo paese, ed hanno importanza fino ad un certo punto.

Bisognerebbe vedere coi propri occhi e toccare con mano se questa igiene e l'ispezione di essa almeno in parte esista. Quindi facendo questa osservazione molto semplice e pratica, si puó dire che non viene applicata, fatta eccezione di qualche fabbrica.

Dunque perchè non si provvede a questo se nessuno vi pensa? sarebbe naturale essendo che gli altruisti sono rari, e la maggior parte degli esseri umani ha l'abitudine di pensare a se stessa in primo luogo.

Il lavoratore che s'affatica da mane a sera, se ama se stesso, perchè non pensa a qualche cosa? Continuando nelle identiche condizioni, significa ruinare la sua integrità fisica ed attentare alla propria vita.

Se il cappellaio discutesse e studiasse unitamente coi suoi compagni, quali sono i mezzi per risolvere la questione, la troverebbe subito. Certo che cosi facendo non si accontenterebbe di lavorare in officine che possono produrre malattie diverse ed infiacchire il lavoratore moralmente e fisicamente in ambienti ristretti capaci di contenere solamente un terzo ad un quinto del personale, fra il calore dei fuochi presso le gambe e quello tropicale e talvolta con l'aggiunta del calore, cui si rende soffocante, dei zinghi troppo bassi e chiusi quasi ermeticamente, privi di ossigeno in causa dell'agglomeramento delle persone, saturi di carbonio prodotto dai fuochi.

Non parliamo del puzzo delle macchine che aiuta lo sviluppo della tuberculosi, com'è dimostrato già dalla scienza, dei pozzi neri trascurati che spargano miasmi che guastano lo stomaco nonchè altre piccolezze le quali nella giornata divengono gravi.

Cosicchè questo non é altro che la degenerazione del fisico intiero perchè l'igiene ha molto di comune con lo sviluppo intellettuale.

Ripeto: se al lavoratore preme la propria salute, invece di lamentarsi della tale o tal'altra officina e protestare di questo o di quel padrone perchè s'impingua le sue tasche senza pensare alla vita degli altri, gli domanderei per qual cosa si serve di quelle ore che ha libere sia anche la domenica, se non per pensare alla prossima settimana? Discutendo e studiando come sopra dissi, dei suoi interessi, fra questi vi è l'igiene, nella già funzionante *Unione dei cappellai*, la quale é guardata di mal'occhio come Satana dai cattolici.

Non facendo ciò, ossia, se l'artiere nostro non si muoverá a prescegliere e non si turba a nulla, d'anneggierá i compagni che ne godono una parte.

Questo accade perché un padrone di fabbrica danneggia un secondo per la concorrenza che gli potrà fare perchè le sue spese sono minori non facendo le dovute comodità che richiede l'igiene.

Chiudo facendo principalmente invito ai giovani di mettersi all'opera e non fare, come fanno i sostenitori dell'attuale regime, i quali vogliono raccogliere senza seminare, invece é al contrario: chi vuol ben raccogliere deve ben seminare.

Sarebbe assurdo ora ch'io volessi gettare le basi d'un regolamento d'ispezione e d'igiene per le fabbriche, dicendo: ogni operaio dovrá lavorare in un ambiente contenente quel certo numero di metri cubi d'aria; ad ogni tanti metri dovrá esservi una finestra o finestrone e via dicendo; ma per far questo saranno elette delle apposite commissioni.

Dunque per l'avvenire dell'umanitá non cesseremo mai dal raccomandare igiene, igiene, e sempre igiene.

LANI

Sociedades de Resistencia

A *societade de resistencia* é a associação dos operarios para defender os seus interesses contra os interesses opostos dos capitalistas.

Os operarios da mesma profissão, ou de varias profissões num mesmo estabelecimento, unem-se e lutam para melhorar o seu salario e as outras condições de trabalho, ou para impedir que o patrão piore as já existentes, assim como para defender quem de entre eles seja pessoalmente alvo de injustiças e vexações. E estes varios grupos, concios da solidariedade sempre crecente dos interesses dos trabalhadores de todas as profissões e de todos os paises, para tornar mais eficaz a luta e concertar os meios de todos em auxilio das fracções em luta, hoje umas, amanhã outras, vão-se unindo gradualmente entre si, em federações locais, nacionais e internacionais de cada oficio, e em federações gerais dos operaios dosvarios oficios.

A arma ordinaria de que dispõem as sociedades de resistencia, além do respeito moral que sempre adquirem homens que se mostram capazes de comprehender e defender os seus direitos, é a greve, isto é, a recusa de trabalhar.

E' necessario examinar o significado e o alcance economico e moral das greves, para evitar, dum lado ilusões, que seguidas por inevitaveis disilusões, trazem o desanimo e a indiferença, e do outro injustificaveis cepticismos, que levam a aceitar sem reagir toda a prepotencia, e reduzem o operario ao mais degradante aviltamento.

Se o operario fosse uma besta (como tantas vezes é ainda) com escassa conciencia e sem vontade, e se na sociedade não houvesse outras forças além da economica, para nada serviria a greve.

Capitalistas e proprietarios dispõem de todos os meios de vida, são eles que regulam a produção, que dominam o mercado e fixam os preços. Os trabalhadores, sempre ameaçados pela fome mal lhes falta o trabalho e sempre arriscados a ser substituidos por outros trabalhadores desocupados e constrangidos pela miseria a todas as baixezas, devem necessariamente sofrer as condições que aos patrões apraz impôr-lhes.

Se com um esforço extraordinario, favorecidos pela concorrencia que os patrões fazem uns aos outros e aproveitando circumstancias exepcionais, os operarios conseguissem obter um melhoramento seria transitorio, resolvendo-se dentro em pouco numa ilusão dissipada.

Se se trata de aumento de salario (sem contar que o patrão poderia sempre retirar o aumento apenas desaparecidas as circunstancias que favoreceram a greve) sucede que os preço dos artigos de consumo crecem em proporção e portanto o aumento de salario seria simplesmente nominal e nada haveria de mudado. Se se trata de diminuição de horas de trabalho, o patrão desforra-se introduzindo novas máquinas e tornando o trabalho mais intenso e fatigante, sempre não esquecendo que depois de introduzidas as novas máquinas, poderia aproveitar a primeira ocasião favoravel para restabelecer o velho horario e despedir uma parte dos operarios, dificultando assim, com o grande numero dos desocupados, toda a resistencia futura. Se se trata de greve de solidariedade para defender companheiros injustamente feridos, o patrão não deixaria de procurar o ensejo de se vingar e acha-lo-ia certamente na primeira depressão do mercado.

Em suma, numa sociedade em que alguns têm tudo e outros nada, estes vivem só porque faz conta aos primeiros, e recebem em paga do seu trabalho o minimo necessario para os pór em estado de prestar os serviços que deles se exigem. E' esta tendencia dos salarios para descerem ao minimo necessrrio á vida e á reprodução que se chama *a lei de ferro dos salarios*.

Mas tudo isto só seria completamente verdade se, como dissemos, os operarios não tivessem conciencia, nem vontade, nem capacidade de resistir — e em tal caso nem mesmo seria possivel a greve, e a humanidade ficaria para sempre dividida em duas partes desiguais: um punhado de ferozes e ávidos opressores e uma multidão de escravos abjectos e submissos.

O simples facto de se produzirem greves mostra que os operarios têm uma certa conciencia dos seus direitos e que ha um certo limite de sofrimentos que eles não querem transpor. E é por isso que a greve se tornou um factor tão importante na historia da emancipação proletaria.

Se é certo que os capitalistas têm nas mãos todos os meios de vida, se é certo que possuem todo o organismo do Estado para lhes garantir a posse e o livre uso desses meios, sem os quais os trabalhadores nem trabalhar nem viver podem, é ainda certo, porém, que os trabalhadores são o maior numero e que só eles possuem a capacidade efectiva de produzir. Por consequencia, em definitiva,

não ha duvida de que, se os trabalhadores quizessem, poderiam exigir o produto integral do seu trabalho, e de hai transformar radicalmente a presente ordem social.

Entretanto o facto é este: os patrões procuram explorar o mais possivel os trabalhadores e estes esforçam-se por obter para consumo proprio a maior porção possivel dos seus produtos; os patrões procuram reduzir os trabalhadores ao estado de escravos, e os trabalhadores procuram elevar-se á dignidade de homens livres. E a condição real dos trabalhadores, num dado momento, depende, não se modificando o resto, do grau de resistencia que sabem opôr ás pretenções patronais.

Esta resistencia manifesta-se hoje principalmente com a greve, ou com a ameaça de greve.

Examinando a historia e a estatistica das greves vê-se que as mais das vezes os operarios, ou são constrangidos a descer a transacções, ou são completamente batidos — e se tomarmos em consideração as grandes despesas e os grandes sofrimentos padecidos durante a greve e os salarios perdidos, poderemos, com aparencia de razão, concluir que as greves são geralmente danosas aos operarios.

Mas para bem julgar a questão é preciso pensar qual seria a condição dos trabalhadores se nunca se fizessem greves, e observar o que ela é com effeito nos paises onde a resistencia operaria ou é inteiramente desconhecida ou está ainda na infancia. Na realidade a greve é imposta ao operario, que não queira ver-se reduzido, pela diminuição gradual do pão ao nivel dos chineses e dos negros. Os patrões sabem que não podem explorar o trabalhador além de certos limites sem provocar uma reacção nociva aos seus proprios interesses, reacção que um limite á exploração; — e se, por exemplo, o operario parisiense não se acha reduzido a comer *polenta* estragada como os camponeses lombardos, se não vive nas condições bestiais dos esfarrapados *cafoni* da Apulia, é simplesmente porque tais condições de vida ele *não as quereria* aceitar.

Sucede com as greves como com as agitações e as revoluções politicas. Os que as fazem, nelas arriscam ordinariamente a liberdade, ou a vida, ou pelo menos a tranquilidade; mas é só por elas ou por medo delas que os governos concedem mais ou menos liberdades. Sem revoluções estariamos ainda sob o açoite da Inquisição; e agora, precisamente por não se fazerem revoluções ha bastante tempo nem para elas se mostrarem disposições, voltamos pouco a pouco á Inquisição.

A greve é, pois, um bom meio de manter o operario em certo grau, sempre baixo embora, de bem-estar — e em todo o caso é uma necessidade da vida do proletario que não queira descer a uma condição de vida sempre mais baixa e animalesca.

A greve é, mais ainda, a preparação da greve familiarizam os operarios entre si, habituam-nos a reflectir sobre á sua condição, fazem-lhes comprehender a causa das miserias sociais, e, em quanto os unem para o melhoramento imediato, preparam-nos para a futura emancipação.

Mas não se deve por isto crer que com as greves se possa resolver a questão social, ou mesmo melhorar dum modo serio e estavel a condição de todos os trabalhadores.

Embora possa a vontade dos trabalhadores revoltar-se contra condições de vida inferiores a um determinado grau, ha na organização actual da produção, circumstancias mais fortes ainda que despedaçam toda a resistencia possivel. O numero sempre maior dos desocupados, as crises, as deslocações de industrias existirão sempre em quanto vigorar a propriedade individual e o sistema de produzir por um lucro; e a miseria não fará senão oscilar entre um máximo e um minimo sem jamais desaparecer, obrigando os operarios a pisar e a repisar sempre o mesmo caminho.

Por isso as sociedades de resistencia ao mesmo tempo que combatem a batalha quotidiana da resistencia operaria, devem mirar a alguma coisa de mais alto e de mais geral: a transformação do sistema de propriedade e de produção. Devem preparar os operarios para a grande luta, e habilital-os a poder um dia desempenhar por si mesmos as funções da vida social que hoje, com grande prejuizo seu, são exercidas pelos capitalistas e pelos governos.

ERRICO MALATESTA.

Associazioni di mestiere

ED I LORO BENEFICII MORALI

Se molti sono i benefici economici che le associazioni di mestiere apportano alle rispettive categorie di operai, non meno importanti, oserei quasi dire più esenziali, sono quelli che contribuiscono a migliorare i sentimenti morali della classe operaia.

La diminuzione di orario, l'aumento della tariffa, i migliramenti sulle condizioni d'igene nelle officine, il diritto di far valere le propre ragioni sono senza dubbio beneficii di non poca importanza pei lavoratori organizzati, ma non meno importanti, lo ripeto, sono quelli pei quali l'operaio può gradatamente migliorare le proprie condizioni morali e spingersi al conoscimento di ciò che costituisce ancora il privilegio della classe agiata e vagabonda.

L'operaio, nella grande maggioranza dei casi, è ancora molto al di sotto di quel che dovrebbe essere.

Un' immensità di cause, una quantità enorme di pregiudizi, che si sono abbarbicati nel suo cervello di generazione in generazione, tutto contribuisce a fare di lui, più che un essere capace d'agire e di pensare, un atomo qualunque che si muove meccanicamente sotto la volontà del padrone.

La deficenza assoluta d'istruzione, dovuta qualche volta all'incuria dei genitori, più spesso alla fatale lotta per la vita, che l'ha obbligato ad abbandonare la scuola per rinchiudersi fra le mura di un'officina, proprio quando lo studio cominciava ad apportare i suoi benefici effetti sopra al suo cervello di bimbo, gli impedisce, il più delle volte, di dedicare quel pò di tempo, che lo sfruttamento padronale lascia a sua disposizione, in qualche cosa di utile ed istruttivo, ed egli finisce col frequentare la taverna e intossicarsi coi suoi venefici prodotti.

Di qui la noncuranza, l'apatia il desinteressamento per tutto ciò che lo riguarda, quando non è lo scherno od il disprezzo pel compagno di lavoro che, più cosciente di lui, cerca di fargli comprendere quale dovrebbe essere il posto di combattimento, che gli operai tutti dovrebbero occupare nell'attuale terribile lotta di classe.

Mancanza totale o deficenza di istruzione, incapacità di sbarazzarsi dall'enorme ammasso di pregiudizi che gli hanno atrofizzato il cervello, incoscienza completa della propria forza e dei propri diritti! Ecco il quadro (doloroso, ma disgraziatamante vero) che si presenta agli occhi dell'attento analizzatore della questione operaria.

Quanto cammino da fare ancora! Quanti pregiudizi da abbattere!... Quante lotte; quante campagne da sostenere!

A facilitare l'opera dei volenterosi in questo lavorio di istruzione e di educazione fra la grande massa operaia vengono in prima linea le associazioni di mestiere o leghe operaie. In esse la comunanza, la conversazione amichevole fra compagni, l'esempio dei migliori e sopratutto la propaganda moralizzatrice che gli operai più intelligenti sostengono fra gli associati agisce poco a poco sul morale dell'operaio, ne migliora i costumi ed estirpa gradatamente i vizi, diremo così, ereditari, primo fra tutti l'alcoolismo, che è, senza dubbio, una piaga cancrenosa per buona parte di lavoratori e che ha di per sè stessa la potenza di abbrutire, nel vero senso della parola, l'individuo sul quale disgraziatamente ha potuto infiltrare la sua azione deleteria.

Non sono rari gli esempi di leghe operaie e camere di lavoro che hanno, mediante un costante lavorio di educazione, migliorato a tal punto il morale dei propri associati da far rimanere stupiti tutti i pessimisti che credono l'operaio incapace di comprendere i benefici derivanti dalla scienza e dell'arte.

Se da un lato le associazioni operaie influiscano, come ho detto, sul perfezionamento morale degli associati, esse contribuiscono anche a far penetrare fra le file proletarie il sentimento di solidarietà.

La solidarietà è indiscutibilmente un'arma indispensabile, direi quasi l'essenziale, che gli operai possono adoperare nella lotta contro i propri sfruttatori. Finchè i lavoratori non avranno compreso l'importanza grandissima della solidarietà, finchè essi non comprenderanno che una ingiustizia, un insulto, un abuso commesso a danno di un loro compagno rappresenta a sua volta un'ingiustizia, un abuso, un insulto per tutta la loro classe, finchè infine essi non si sentiranno uniti e solidali senza distinzione di nazionalità o di razza; le campagne per la rivendicazione dei propri diritti non potranno dare che miseri risultati.

Quante lotte infatti non rimasero infruttuose per causa della poca solidarietà? Quanto danno non ha arrecato (e disgraziatamente continua a recarne) agli operi il *Krumiraggio?*

Quante volte pochi uomini, per quali il disprezzo di tutti i loro compagni non basterà mai a compensare il male che colla loro azione di traditori fanno alla propria causa, quante volte, dico, pochi *krumiri* bastarono a rovesciare completamente tutto un lavoro di sacrificio e di abnegazione?

Oh! se costoro, i traditori, i Giuda della causa operaia, arrivassero a conoscere la bassezza, l'infamia della loro azione se comprendessero quanto danno apportano a sè stessi ed agli altri collo schierarsi a lato dei comuni sfruttatori contro i compagni d'officina; essi, ne son certo, non potrebbero sopravvivere al rimorso.

Come però potremo esigere da questi disgraziati l'amore la solidarietà verso i compagni in lotta se non ne sviluppiamo il sentimento? Come potremo rimproverare a costoro l'infamia commessa se il più delle volte essi stessi non comprendano per intiero bassezza della loro azione?

E' necessario dunque che la solidarietà venga sentita e compresa da ogni singolo individuo e per questo non potrà esserci un mezzo più adatto, più pratico delle associazioni di mestiere. In che la discussione, la propaganda, l'esempio pratico, la fraternità che nasce spontanea fra individui costretti a trovarsi insieme ed a conoscersi scambievolmente, tutto contribuisce a consolidare fra i singoli componenti quel sentimento di solidarietá che è, lo ripeto, la causa prima delle vittorie operaie.

Ed è per questo che noi non ci stancheremo mai di gridare agli operai con tutta la forza dei nostri polmoni: *Associatevi!* Noi vorremmo poter ripetere questa parola a tutti i lavoratori, noi vorremmo perseguitare i più ricalcitranti dovunque, dall'officina a casa, da casa all'officina e ripetere loro senza requie: *Associatevi! Associatevi Operai!*

Tutto, tutto potrete guadagnare dalle organizzazioni di mestiere. Associatevi dunque, e i vostri diritti, oggi conculcati, saranno rispettati. Associatevi e potrete rendervi degni di voi, e come siete derisi e malvisti oggi sarete rispettati e temuti domani.

GIULIO SORELLI

Emancipatevi!

Ad agevolare, anzi ad affrettare la soluz one dell'intricato problema sociale, per la qual soluzione innumerevoli sono quelli che impulsati da idee generose, guidati dalla storia, ce ne additano le vie, i mezzi, é necessario, diró meglio, indispensabile la cooperazione di voi donne; di voi, come mogli seguendo nella lotta intrapresa per la realizzazione delle nostre idee di emancipazione, di rigenerazione.

Come madri educando in queste i vostri bambini.

Ma prima d'ogni altra cosa, bisogna vi instruiate, onde potere spogliarvi di tutti quei pregiudizi sciocchi, assurdi che hanno formata la catena alla quale, insino ad ora, foste avvinte, e che per conseguenza foste e siete tuttora schiave, vittime della società, della famiglia e del padrone se l'imperiosa necessitá vi obbliga di provvedere col vostro lavoro, al sostentamento vostro e della vostra famiglia.

1.° Della società che pur qualificancovi come sesso debole, non lascia di rendervi responsabili di quei falli che potete commettere; e che voi perché ignare delle cose della vita non sapete difendervi e dimostrare che questa stessa società perché ingiusta, mal sistemata, fu appunto la causa della vostra caduta.

2.° Della famiglia, giacché soffrite, rassegnate, ogni dolore, ogni miseria, ed anche i cattivi trattamenti, le percosse d'un marito vizioso, brutale, solo perché inconscia dei vostri diritti, credete dover vostro tacere come che a lui tutto é permesso, tutto é concesso.

3.° Del padrone, infine, dal quale accettate senza ribellarvi mai, le meschine condizioni imposte al vostro lavoro, e ció perché non comprendete ch'egli vi sfrutta infamemente, impunemente; che col vostro lavoro cosí mal retribuito, manterrete lui nell'ozio aumentandone giornalmente la ricchezza; e sempre perché mai vi fu detto, mai vi fu noto, per quale ingiustizia sociale, voi donne pure siete condannate a lavorare per vivere; nè come sia che esiste la ricchezza e la miseria.

Procurate instruirvi ed emancipatevi; ma, sopratutto, emancipatevi dal prete, giacché più d'ogni altro lui fu che vi fece vittima della società, della famiglia e del padrone. Lui colle sue dottrine mistificate, colle sue vane minaccie, e colle sue illusorie promesse di castighi e di gaudii, oltre la tomba; lui, co'l'asserire a voi spudoratamente che é volontá di dio esistino poveri e ricchi; lui fu che ha fino ad oggi impedito alla donna di discernere il bene dal male, e di analizzare cose e fatti che riguardano il suo esclusivo interesse.

Emancipatevi! e venite fra noi, a prestarvi l'opera vostra, onde ottenere piú sollecita la vittoria della nostra causa; causa che vinta, perché giusta, nobile, apporterá sulla terra la sola possibile felicità, riducendo gli uomini ad amarsi uno coll'altro, da veri fratelli.

Emancipatevi!

MATILDE MAGRASSI.

LO QUE DICEN LAS MÁQUINAS

Cruje hecho ascuas el carbón en el horno; hierve bullicioso el agua en la caldera; oprime el vapor el èmbolo; el émbolo empuja la biela; la biela mueve el eje; el eje hace girar el poderoso volante, y mientras rujo la máquina como fatigado monstruo, la correas sin fin ponen en movimiento otros ejes y otras ruedas, otras correas y otras máquinas. La industria marcha, la producción aumenta, el obrero labora.

¡Qué hermoso poder el de la humana inteligencia! A su conjuro se multiplica el movimiento y surgen el calor y la luz.

Pero, ¡ay! aún puede la máquina decir al obrero:

—No te enorgullezcas. En nada te diferencias de mi. Instrumento de trabajo como yo, tu estómago, como mi horno el carbón indispensable, no recibe sino el alimento estrictamente suficiente para que sigas desempeñando tu función mecánica. Soy un instrumento más apreciado que tù, porque tù abundas más y cuestas menos. Cuando me gasto, me tiran; cuando te gastas, te abandonan. Es lo mismo; no lo mismo, peor; porque tu única ventaja, tu inteligencia, se convierte entonces en daño tuyo; la conciencia de tu pasado valer será tu tormento. Tù, como yo, produces; produces, como yo, para los otros, no para ti. Labramos junto fortunas que te pertenecen y que jamás disfrutas. Obrero: apodérate de mi; arráncame de los brazos del viejo capital; tu desposorio conmigo es tu salvación ùnica. Deja de ser instrumento para que el instrumento te pertenezca. Te quiero amo, no compañero. El capital me explota, sólo tú me fecundas. Sólo á ti quiero pertenecer.

F. Pí y Arsuagxa.

Uma boa arma

Actualmente é a *gréve* a mais poderosa arma que o operariado póde manobrar contra as explorações e iniquidades de que é victima.

Mas, se a *gréve*, é effectivamente a mais formidavel arma de combate dos operarios, muitas vezes se torna prejudicial, e mesmo mortifera, para elles, não só pela falta de recursos, como pela ausencia de tactica.

Muitas classes, de proletarios, só pensam em associar-se depois de rebentar os conflictos com os patrões, outras conservam-se recolhidas n'um sordido egoismo, tratando só de si, (quando tratam) abandonando os seus camaradas de misteres differentes, não querendo vêr que as reclamações de uns, importa nos interesses geraes de todos.

Ultimamente, as *gréves*, tão frequentes, teem demonstrado, evidentemente, que a orientação da classe trabalhadora tem feito progressos, principalmente no sentido da solidariedade, mas com respeito a organisação e a meios de resistencia, conserva-se n'um desleixo digno de lastima, que muito tem contribuido para o fracasso de algumas reclamações cheias de justiça, com grande gaudio de classe burgueza que nos espiona e observa.

Ora, se a classe trabalhadora, pensasse, uma vez a serio, na maneira de triumphar dos seus males, procurando a fórma do melhor exito para as suas reivindicações, com certeza que a classe patronal seria forçada a ceder, porque lhe era impossivel

resistir a uma acção bem combinada e dirigida, da parte do prcletariado.

Quando uma *gréve* rebentasse, por motivos justos, como quasi sempre tem acontecido, as differentes classes operarias estivessem associadas e nos seus cofres algum monetario, além da educação precisa para se porem ao lado dos seus camaradas; quando os operarios dos diversos ramos em que se subdivide a grande familia dos productores, estivessem dispostos pelo espirito de solidariedade e de communhão de interesses, a cruzar os braços, logo que um conflicto se désse, a partir do operario que se manipula o pão até áquelle que nos *restaurants* o reduz a sopa, desde ò que representa para divertir a burguezia, até aos que a conduzem nos trens, guiando-lhes as suas parelhas: n'uma palavra, quando todos os que empregam a sua actividade para sustentar a sociedade actual, estivessem convencidos e scientes da força que possuem, a *gréve* tornar-se-hia uma potestade de tal ordem que o capital por muito poderoso, teria de curvar a cerviz perante a força herculea que um simples: *não quero!* dos trabalhadores evidenciaria.

Os conservadores teem prohibido as reuniões publicas, o direito do povo manifestar as suas idéas, não aceitam reclamações, dissolvem aggremiações politicas, tolhendo a liberdade de associação e se consentem as associações de classe, é porque não deixam discutir os seus assumptos, sem que n'ella intervenha a tutella da auctoridade policial; mas o que não podem, é obrigarem os operarios a trabalhar quando elles não queiram.

Por isso, a *gréve*, sob este ponto de vista, póde d'um momento para outro, redimir muitos escravos modernos, fazendo desapparecer as injustiças e os actos impropios d'uma sociedade que se diz civilisada e que brigam, flagrantemente, com o humanitarismo que as classes preponderantes blasonam possuir.

O Dinheiro

«O dinheiro é a mola real desta vida», diz-se; «o dinheiro abre todas as portas», accrescenta-se. Tudo com elle se adquire: o pão e os livros, o vestuario e o saber, as consciencias e os palacios, a arte e o calçado, o prazer e os deitores, uma mobilia e um noivo, o braço do operario e as caricias das mulheres — honras, protecções, fama, amizade, tudo!

E ao mesmo tempo que se proclama, com um terror superstitioso, a omnipotencia do dinheiro para a conquista das riquezas, reconhece-se com a alma dilacerada que elle deixa sobre a vida um profundo sulco de desgosto, que elle derrama uma nódoa sobre todos os prazeres e estende uma nuvem sobre todas as alegrias.

Pelo dinheiro, jovens, mortificados de desejos, deixam passar tristemente a mocidade, e, quando emfim consegue apoderar-se da inebriante taça do amor, é com uma prega ao canto da boca que a leva aos labios. Passou o tempo e veio tarde o gozo, que só o dinheiro permitte.

Quantas aspirações mortas, quantas vocações suffocadas, torcidas, desviadas, quanta obra perdida! Arte, sciencia, philosophia: o dinheiro é o vosso inimigo.

Com uma moeda entre os dedos, um senhor faz consumir numa fadiga bestial, durante horas e horas, dezenas de seres humanos, famintos de algumas rodelas de cobre.

O dinheiro! Disseram-no destinado a facilitar as trocas, e elle tornou-se instrumento de tirania; disseram-no capaz de determinar o valor e util para a economia, e isso significou dividir o trabalho em leve e pesado, agradavel e fastidioso, nobre e ignobil, util e inutil, e isso permittio a accumulação e deu nos o avarento! Accumular, pagar, pôr a juros, transmittir: eis o segredo da tirania!

«O Dinheiro abre todas as portas. O dinheiro dá-nos tudo—a terra, o proprio céo!» E o homem lança-se atrás do idolo, atrás do bezerro de ouro, olhos injectados de sangue, louco, cego, tropeçando, aos encontrões. E uns fazem-se avarentos, possessos da terrivel loucura do «vil metal», outros, os que o tiveram sem esforso ignorando as lagrimas e o sangue com que está cunhado, põem-se a langal-o ao vento, num esbanjamento de forças, que—estranha contradicção—se torna util!

«O dinheiro abre todas as portas!» E os homens precipitam-se desvairados em sua perseguição, batendo-se ferindo-se, odiando-se, e deixando ao lado, sem os ver, o amor, a paz e a alegria, e deixando ao lado, sem a ver a vida toda!

Torna-se uma idéa fixa; praticam-se todas as infamias, explora-se, ronba-se, assassina-se desce-se ao fundo da terra, entra-se no antro da fabrica, executam-se todas as fainas de escravo, sempre com os olhos fixos nelle Para se conquistar isso que dizem ser a mola da vida, arruina-se a propria vida!

Nessa correria effegante — atrás do que?—duma mentira! é a propria vida que os seres não vêem! A seu lado estendem-se vastos campos incultos para o pão, erguem-se montanhas de granito para as casas, estende-se o ferro para as machinas! A natureza sensual rica, amorosa, abre os seus braços para o homem, «solicita-o, convida-o: —«Aqui me tens! Fecunda-me! Sou tua! Serás rico, immensamente rico, livrar-te-ei da preocupação do dinheiro, por que no meu seio poderás sorver toda a vida, repartida entre a sciencia, a philosophia, a arte e o trabalho! Ama-me. Fecunda-me. Sou tua!»

Mas elle não ouve, não vê, não comprehende; tão habituado está a repetir a si proprio que o dinheiro é tudo, que é com os olhos espantados, a bocca rasgada n'uma expressão de pasmo, que elle te fixa, se tu o seguras por um braço e lhe grita:

—Que procuras tu, louco? Em que consomes a vida estupidamente? Comes o dinheiro? O dinheiro veste-te?

Louc ! Conquista a natureza, e não o dinheiro. Della obterás todas as riquezas; a abundancia que buscas temna ella a teu dispor; porque não l'ha arrancas? A abundancia dá-te paz, harmonia e amor.

Vai com os outros homens, em livre accôrdo á conquista de bem estar e de gozos; mas não corras atras de uma chimera. lança-te nos braços da realidade: a Natureza, a boa amante. Por que tens fome, se ella te dá o pão? Porque andas nú se ella te offerece o linho? Porque te fatigas tanto, porque te extenuas, se ella tem ferro para as tuas machinas? Porque moras n'uma pocilga, se ella te da a pedra? A natureza não é de poucos é de todos. E para que havia de ser de um impotente que a deixa esteril, se o seu seio fecundado póde a todos dar vida?

Louco! Livra-te da tyrania do dinheiro, e de quem a impõe. A mola da vida não é o dinheiro: hoje a vida está mal assente, o d'ahi o desiquilibrio. Deve assentar sobre o trabalho, que é o beijo que tu dás à Natureza para a fecundar, e que não é essa pena de escravo que o dinheiro te causa, gerando o odio. E a natureza ajudate na tarefa com as forças do raio e do vapor, com os milhões de braços de ferro das suas minas. És immensamente rico, porque te obstinas em viver como pobre? Abre os olhos para a vida que te rodeia!

Braços abertos, labios ardentes, olhares voluptuosos, a Natureza offerece-se: a Natureza é tua! Porque não a gozas? Porque não a fecundas?

NENO VASCO

União dos Chapeleiros

(Secção de S. Paulo)

Chapeleiros!

Chegamos finalmente á realisação do nosso *intento*, fazendo desaparecer o antagonismo que existia entre muitos individuos das duas associações (*Liga de Resistencia* e *Cosmopolita*) reunindo as em uma só, e denominando-a — *União dos Chapeleiros* (secção de S. Paulo).

Seria quasi desnecessario dar a explicação do titulo adoptado; entretanto, ligeiramente, vamos fazel-o, sómente para aplainar attritos que por ventura podes sem advir, entre partidarios de uma ou de outra associação reunida.

União — significa o enlaçamento fraternal de todos nós, sem distinção de nacionalidades quaesquer, desapparecendo, por-tanto, deante do titulo, rancores e odios pessoaes; enfim, é um incitamento a nós mesmo, dizendo-nos que devemos combater unidos pela nossa emancipação social.

Chapeleiros, significa a destruição do velho systhema de associação, isto è, digamos que — chapeleiros serão considerados todos os que trabalham neste officio, quer seja a mão, quer seja a machina.

Como se vê, recorremos a um novo meio de lucta; mais efficaz e mais concreto.

Dada assim uma explicação, embora que ligeira, da denominação da nova associação, passemos a demonstrar o trabalho a cumprir-se; cifra-se em duas palavras, resume-se na lucta entre o *Capital* e o *Trabalho*.

Companheiros:

Vós o sabeis: a lucta diaria pela exstencia torna-se difficil, dia a dia, torna-se cada vez mais dificultosa; correndo parelhas, com a falta do trabalho, temos, sobre os hombros, o fardo pesado dos horarios extraordinariamente descommungaes, superiores ás nossas forças, a falta de hygiene nas grandes fabricas, e, sobretudo, a diminuição de honorarios, facto notado de ha quatro annos para cá.

Tudo isto, é o resultado da falta de energia operaria da falta desconsciencia entre os trabalhadores, pois que, companheiros, não será o fanatismo de um dia ou de um anno, que mostrará o que justamente aspiramos: será a constancia, a assiduidade tena, e, dizemol-o tambem, as tomadas em casos precisos.

E ahi estão, em poucas palavras, as bases da lucta que devemos sustentar, e que naturalmente, é a necessidade indispensavel de hoje e de amanhã.

Ainda mais: no seio desta associação, pensamos bem fazer incluindo o *socorro mutuo*, e, alem do direito do subsidio da chegada e da partida, uma diaria razoavel aos socios doentes.

Como vêdes, a *União dos Chapeleiros*, pensou a tudo o que diz respeito aos operarios, não deixando aos incongrentes sophismas para nos atirarem em face; e, francamente o dizemos: quem não é comnosco, é contra nós.

Nada, pois, nos resta senão começar a lucta contra o disfructamento; serenos inesoraveis, sem distincção para quem quer que seja Esta inesorabilidade, aplical-a-hemos com o *boycotar*, de qualquer modo, os que são contra nós.

Para nós, não existirão palavras e phrases incongruentes, pois que nós luctaremos com e contra os factos, procurando, assim, ganhar um pão menos trabalhoso e preparar um futuro melhor para os nossos filhos.

Para gozar dos *direitos* supra mencionados é necessario cumprir os *deveres* que todos têem com a *União*, e que consistem em pagar uma pequena quota mensal de 1$500. frequentar a sede e manter-se dentro das regras do estatuto (por emquanto manuscripto e traçado em duas linguas) na séde da *União dos Chapeleiros*: Rua Marechal Deodoro N. 2, das 7 1|2 horas da noite ás 9 da noite, ás 5ª. feiras; e das 8 1|2ª ás 11 horas da manhã, aos domingos.

N. B.—*As Associações dos Chapeleiros*, cujas sedes estão no extrangeiro:

Faz-se saber que, desde o dia 7 de Fevereiro ficou constituida a *União dos Chapeleiros*, e, por conseguinte, serão reconhecidos somente os Chapeleiros vindos por outras secções internacionaes que apresentem os documentos em regra; ao mesmo tempo pedimos ás outras secções que não reconheçam officiaes chapeleiros que não apresentem o livro de viagem, e, boycota-os, considerando-os traidores (*kaimiros*,) desde que a nossa associação facilite a todos os operarios meios e vantagens para qualquer pessoa tornar-se associado.

A Commissão Administrativa:
Paulo Badi.
Antonio Vieira da Costa.
Andréa Pacini.
Francisco Murcia.
Oreste Venturi.
Luiz Bringhenti.
Gismundo Ferrari.

Revisadores das Contas:
Affonso Contieri
Duilio Recanzone
Luigi Narducci

Secretarios:
1. Cesare Biondetti.
2. Tebaldo Soderi.

Contador: Oreste Dalla.
Thesoureiro: Ernesto Ciumei.

Cronaca

La teoria va bene fino ad un certo punto; ciò che la nostra classe, necessita è la pratica: Questa si può fare col dimostrare chiaramente i mali le vassazioni e le stupidaggini che si commettono dai padroni a danno degli operai più o meno organizzati, più imbecilli e perciò poco risoluti Diciamo tutto ciò senza tema di smentita poiché i fatti sono a dimostrare quante sciocchezze dolorose racchiudono le nostre costatazioni. Tanto per cominciare ci dirigiamo subito alla tanto decantato fabbricona di R. General Jardim 45, della quale sono proprietari «le tre nobili energie» dei Sig: Cesare Matanò Nicola Serriccnio e Gaetano Pepe.

Questi onorevoli (?) Signori non fanno che battere la gran-cassa della reclame sopra i giornaloni di questa capitale dando ad intendere lucciole per lanterne ... e véniamo al sodo.

Nella Tribuna Italiana del 15, 3, 1904 apparse un articoletto riguardante la sopra nominata fabbrica che noi riproduciamo un brano onde il pubblico giudichi a suo piacimento, eccolo: «E' superfluo da parte nostra — tanta e profonda amicizia ci lega al tre laboriosi intelligenti ad attivi giovani — l'augurio di sempre più prosperi affari.

Teniamo però a ricordare che Matanò e Serricchio hanno saputo poco a poco con costanza di lavoro e di intendimenti crearsi una posizione indipendente invidiabile, liberandosi da legami pesanti, coadiuvati con eguale tenacia di propositi da Gaetano Pepe.

Alle tre nobili energie che affermano nell'industria nazionale tutto il valore di braccia e menti italiane rinnovamenti sinceri di felicitazioni e di voti».

Quanta lode, non è vero? Già; non si ricordano più quei signori dello sciopero del 1902 che si prolungó più di tre mesi per la semplice ragione di non voler fare i pagamenti regolarmente? Non si ricordono più quei signori la strafottenza che usarono (e che usano) con quegli operai ed in'ispecial modo con la commissione, che si recó da loro onde venire ad un accordo? Ma lasciamo andare il passato (remoto) poiché se si parlasse del tutto bisognerebbe imbrattare queste colonne con citazioni troppo vergognose.

Veniamo dunque al passato prossimo vale a dire a poco tempo indietro da quello che noi scriviamo. (Qui si spiega l'energia! dei nobili industriali .....) Sappiasi che un giorno avvenne una disgrazia della fabbrica la quale consisteva nell'essersi bruciato un cappello (che ancora era da rifinirsi) che cascò inavvedutamente ove si riscaldano i ferri. Non trovato chi l'avesse fatto cascare, i «tre laboriosi intelligenti ed attivi giovani» fecero pagare il cappello a 20 proprigisti che diede un risultato di 20$000 reis poichè furono tassati di 1$000 reis ciascuno. (Notate che il cappello non valeva neppur 3$000.) Passati pochi giorni da questa *grande disgrazia* ne succede un'altra ancora, la quale fu, che trovarono un cappello lavorato sol dai fullisti che era tagliato e non si seppe da chi: allora per «crearsi una posizione indipendente, invidiabile» per liberarsi «da legami pesanti» pensarono di far pagare il cappuccio (cappello in prima lavorazione di fulla) a tutti i lavoranti in quel ramo il che diede un totale (a 500 reis ciascheduno) di 12$000 reis, e il cappuccio non valeva che 2$000 reis

Altri commenti sú ció non li facciamo, ci siamo contentati di esporre due soli fatti per far conoscere il sale e il pepe....

In quanto a tutti questi abusi siamo certi che non avverrebbero se gli operai fossero associati, se fossero un tantino risoluti, in sostanza meno imbecilli. Ma quando, aspetterete a far valere le vostre ragioni?

Del resto fate come più vi aggrada, già lo sappiamo «ogni popolo ha il governo che si merita».

Passando in rivista questi onorevoli industriali non sará male far conoscere (a chi non lo sa) quello che succede nella fabbrica del Sig: Dario Del-Panta.

Qui saremo brevi poiché sappiamo che é in agonia ed allora é meglio recitarci un Deprofundis che far del baccano. (1)

Dunque l'ex proprietario dell'industria femminile con sede del traffico in R. San Giovanni, pensó bene ritirarsi da questa per dedicarsi completamente all'arte cappellatoria. Come vedete ha fatto un gran salto! d'afitta camere e ..... é divenuto tecnico industriale: e che industriale!! Figuratevi chi s'industria anche col pagare gl'operai dopo due mesi e quando questi operai reclamano il denaro poiché non intendono lavorare sotto di lui, esso si rifiuta facendosi piuttosto chiamare dal giudice di pace

Questo é avvenuto or sará due mesi che i operai per scarsità di lavoro, per infima tariffa e per sospirare i denari dopo aver lavorato, si licenziarono.

Naturalmante, esigevano il pagamento, questo non gli accordó il Del Panta, anzi li portó tanto per il naso che furono costretti a recarsi in massa dal giudice di pace onde intervenisse (dopo un mese che si erano licenziati) per obbligare quella perla d'industriale a pagare

In forza dell'intimazione, l'ex industriale femminile pagó gl'operai, ma peró non riceverono per intero il loro avere, stante il lascito che furono costretti di fare per le spese giudiziarie. (9. 10 e 12$000 reis).

Conclusione — Sempre é l'operaio che ci rimette, sempre, fintantochè non conoscerá e saprá far rispettare i suoi diritti.

Un' altro fatterello anzi piú fatterelli consimili ai sopra esposti avvennero nella fabbrica del Sig: Ferranti.

Citeremo l'ultimo per non prendere tanto spazio in questa rubrica tanto lo sappiamo che le gesta di questi industriali a scartamento ridotto son sempre le solite, cioé i maltrattamenti uniti ad uno sfruttamento accessibile Dunque questa perla di fabbricante non avendo tanto lavoro e per questo non potendo mantenere un personale troppo numeroso (per il suo piccolo capitale) si attaccó ad uno di quei tanti ammenicoli che i proprietari han sempre pronti.

Ascoltate che scusa prese il Sig: Ferrante per licenziare un lavorante.

Un cappello fu trovato bucherellato dai toppi per questo venne chiamato il lavorante Dalla Oreste e li fu attribuita a lui la colpa, dicendo che se il cappello a lui la colpa, dicendo che se il cappello era in quello stato era per colpa sua stante la trascuranza nella lavorazione Ora noi possiamo sopra a questa vigliacca buaggine e chiediamo al sig: Ferranti; perché licenziando quel lavorante non lo pagó all'istante? Non sa forse che licenziando un lavorante é dovere del padrone il pagarlo subito? Perché ció non a fatto l'Illustrissimo industriale?

Gli sia di norma per un'altra volta che quando per suo capriccio vuol licenziare un lavorante deve pagarlo all'istante e non farlo aspettare a suo capriccio.

Per finire.

Cappella! vi piace la pinga?

Se si, recatevi a lavorare da Andrea Parodi che quel bel tomo ve ne somministra in quantità. Però la moneta Lui l'a abolita.

(1) All'ultima ora sappiamo che la fabbrica Del Panta e stata chiusa, perció, *parce sepulti*.

Avisos

Lembramos aos companheiros que desejam inscrever-se na «União dos Chapeleiros» que o façam antes do dia 7 de agosto proximo, pois que dessa data em deante, terão que pagar a joia de 5$000 para o fundo social.

Para qualquer reclamação ou asumpto referente á este jornal, á associação ou á classe dos Chapeleiros, dirigir-se á séde social, ás quintas-feiras das 7 1|2 ás 9 1|2 horas da noite e aos domingos das 9 ás 11 1|2 horas da manhã.

Rectificação

No relatorio dos trabalhos executados pelo Congresso Internacional, na parte referente aos salarios no Brazil temos uma rectificação a fazer; os salarios não são de 5$ francos semanaes, como por engano foi publicado, mas sim de 30 a 35.

A organicação foi iniciada por operarios chapeleiros de todas as Nações, tendo as ex *Liga e Cosmopolita* subida a transformação, brevemente daremos as Estatisticas dos operarios organizados em *São Paulo e Rio de Janeiro*.

Balanços das ex-Sociedades

LIGA E COSMOPOLITA

Resumo total da ex-Cosmopolita	1.053$800
Liga	5$000
Total geral Rs.	1.058$800

N. B. Este dinheiro fazerá parte da caixa do mutuo «socorro da actual «*União dos Chapeleiros*»

Subscrição

DA EX LIGA DE RESISTENCIA A FAVOR DO N. 3 D'«O CHAPELEIRO»

Lista da Liga — Francisco Murcia, 500; Antonio Spolaore, 200; Oreste Dani 500; José Tomato, 400; Tebaldo Soderi, 300. Reis	1.900
Recoletado no Casino Penteado de Luiz Brenghenti	2.700
Lista de Francisco Venci,	1.200
Total Rs.	5,800

CORREIO

BRAZIL.

União dos Chapeleiros, *Rio de Janeiro*. Esperamos a resposta do nosso officio enviado no dia 26 do corr.

PORTUGAL

Liga dos Chapeleiros, *Lisboa*. Temos enviado manifestos e carta. Respondeis logo. O mesmo diga-se para a Liga e Cooperativa dos Chapeleiros de *Porto*.

ITALIA

Federazione Cappellari-Monza. Ricevemmo lettera riguardo Rocco Gualdoni, vi rispondiamo con lettera in data 24-4-904,

Avete ricevuto manifesti e lettera dove accennava la fusione delle due Societá?

HESPANHA

Federação dos Chapeleiros. — *Valencia*. Recebemos o livro Regulamento da vossa Federação. Receberam manifestos e carta?

FRANÇA

Federação Internacional.— *Paris*. Vi abbiamo spediti manifesti e lettera della avvenuta fusione. Attendiamo vostre notizie in proposito. Il 24 corr: vi abbiamo spedito lettera.

ARGENTINA

Sociedade dos Operarios Chapeleiros. — *Buenos Ayres*. Recebemos a vossa carta. Estamos esperando o vosso jornal.

Sociedade Chapeleiros. — *La Plata*. Pedimos de escrever. Temos enviados manifestos.

Sociedade Chapeleiros. — *Montevideo*. Por ter tidos préocupações não respondemos a vossa carta, pedimos disculpar, receberam manifestos.

NORTE--AMERICA

Fédération Norte Américaine Journal fo the Atersof *Broohlyn*.

Temos enviados carta e manifestos. Pedimos de escrever.